

1

Porque vos opondes a mim, infelizes estrelas...
Para que eu desapareça da terra no ar
E não deixe qualquer recordação de quem fui?
Não, viverei...

— Barrabás em *O Judeu de Malta* de Marlowe

SOUTHWARK, INGLATERRA — ANOITECER, MAIO 1593

O encontro estava marcado para o cair da noite e o sol afundava-se rapidamente no horizonte. O jovem não tinha tempo a perder. Mas à medida que se aproximava da Ponte de Londres era-lhe difícil resistir ao bulício familiar daquela zona do Tamisa. Abrandou o passo e espevitou as orelhas. O ruído da arena do combate dos ursos atraía-o — um urso acorrentado uivava enquanto as mandíbulas de cães furiosos lhe rasgavam a carne. Estes ganiam a cada movimento violento das garras da fera provocando nos espectadores gritos de apostas e violentos aplausos.

Deteve-se a meio caminho, erguendo uma bota negra a pouca distância do chão para testar a sua força de vontade. Falhou.

Meteu pelo caminho à beira-rio e dirigiu-se à arena. Foi então que um conjunto de cores fortes lhe chamou a atenção — o toldo de uma tenda que não conhecia. Aproximou-se curioso. Logo apareceram umas longas tranças escarlates e depois o rosto enrugado de uma velha, sorrindo com os lábios carminados que condiziam com a sua cabeleira brilhante. A princípio pareceu-lhe que ela vendia baralhos de cartas, mas depois de olhar para ele, a mulher ergueu um pequeno cartaz que anunciava o seu comércio proibido: TAROT DE GRIZEL. Com a sua roupa desalinhada e o cabelo castanho comprido, era evidente que não era um dos elegantes oficiais da cidade.

— Achas que ponha o meu dinheiro no urso? — perguntou o jovem, atirando algumas moedas para cima da mesa dela.

— Preferes saber a sorte do urso em vez da tua?

Ele desviou os olhos por um momento, como se estivesse a reflectir e depois voltou-se para ela com um sorriso malicioso.

— Sim.

— Valer-te-ia mais a pena tratar de ti.

— Bom, é um assunto que me interessa muito — sentou-se.

Ela lançou lentamente as velhas cartas, enquanto alguns anéis largos lhe dançavam nos dedos encarquilhados. Quando a décima carta foi cuidadosamente colocada ao contrário na mesa, a mulher ergueu os olhos.

— Podemos ir directamente ao final? Não tenho muito tempo.

— Porque não deixas que a Grizel avalie o assunto? Primeiro tenho de saber quem és — junto à sua mão esquerda cinco cartas estavam dispostas em forma de cruz celta. Ela pegou na carta central. — A tua alma — voltando-a, olhou com ar reverente para a imagem gasta de um homem de capa e barrete vermelhos. — O Mago. O manipulador do mundo natural... adora os artifícios e as ilusões. Tem uma imaginação prodigiosa. Um mestre da língua, lesto com as palavras.

— Humm-hum...

Erguendo uma sobrelha grisalha ao ouvir aquela resposta pouco articulada, a velha verificou de novo a carta. Encolheu os ombros, poisou-a e depois escolheu do extremo inferior da cruz.

— A carta do momento presente. Oh, oh, o valete de espadas. Tens um espírito apaixonado, não tens amigo? Sempre à procura, tentando descobrir a verdade escondida. Realmente, a tua busca começa hoje.

Interessado, o jovem inclinou-se para diante.

— Como és amável, minha doce dama.

Lisonjeada, ela começou a baralhar as cartas que formavam a cruz.

— O dez de ouros... ao contrário. Gostas de jogar. E do risco, do risco perigoso. De te aproximares da beira do precipício.

— Assim a vida é interessante e os meus bolsos têm dinheiro.

— Influências exteriores... deixa-me ver. O três de espadas... um triângulo perigoso, um conflito atroz. Ameaçam-te duas forças poderosas — erguendo o olhar, reparou que a expressão dele se mantinha calma. — Será melhor teres cuidado — declarou ela com ar sério. — O perigo que aqui aparece é verdadeiro, mas pode ser ultrapassado.

— Ameaças, conflitos... essas coisas acontecem todos os dias — ergueu a mão num gesto de indiferença. — Por favor, diz-me qual é a última carta.

Com maus modos, ela concentrou-se na segunda formação de cartas que havia sobre a mesa. Um monte de cinco cartas. Ergueu a primeira, espreitou para a figura por um momento, hesitou e depois mostrou-lha — era um esqueleto pintado à mão, com a cabeça no chão e os pés no ar.

— Como pode ser isto? De cabeça para baixo a carta da Morte significa uma passagem pelo perigo, mas a que se sobreviverá. Aqui, na posição da outra vida, parece que vais viver depois da tua morte...

Confusa, inclinou a cabeça e observou o rosto do jovem.

— Admito que parece estranho — disse ele. — Embora já me tenham dito que eu tenho um ar do outro mundo, talvez...

Ela fez um gesto zangado e depois esboçou um sorriso desdentado.

— Ah, claro. Esqueci-me de quem és, o Mago. Agora compreendo. É a tua magia que há-de sobreviver. Muito tempo depois do teu último suspiro.

O jovem inclinou a cabeça com ar tímido. Apesar de Grizel não o saber, estava a falar com o dramaturgo mais popular, um escritor cuja pena hábil tinha operado prodígios no palco do teatro. Ele ficou encantado com a perspicácia dela. Depois estremeceu-lhe um músculo do queixo. Diabos! A maldita ideia voltara-lhe ao espírito — exactamente aquela que havia meses o perseguia. Conseguiria de novo criar aquela magia? Claro que sim. Quando chegasse o tempo certo, disse para consigo.

Erguendo os olhos, esboçou de novo um sorriso malicioso.

— Senhora, podes dizer-me uma coisa que eu ainda não sei?

Grizel tentou franzir a testa, mas o brilho dos olhos dele era contagiante. Ao erguer a segunda carta da coluna da direita, olhou e virou-a de novo como se ela lhe queimasse os dedos.

— Que se passa?

Ela colocou tristemente a mão sobre a dele.

— Se não houver intervenção divina, não chegarás a ver a próxima lua.

Vagamente sobressaltado, ele fez deslizar a mão para o bolso do seu gibão de seda cintado.

— Não há nada como uma segunda opinião. Principalmente quando a primeira nos diz que o nosso fim está próximo. Não me leves a mal, foste um encanto, mas há outra dama que eu costumo consultar nas questões do destino — retirou do bolso uma moeda de prata. — Se for o rosto dela que me aparecer, nada tenho com que me preocupar.

Lançou a moeda ao ar. Esta cintilou e deu várias voltas antes de lhe cair na palma da mão esquerda, aterrando com a cara para cima.

— Ah, Grizel, não te preocupes. Esta rainha diz que tudo está bem.

E como seu súbdito obediente tenho o dever de acreditar mais na palavra dela do que na tua.

Soprando-lhe um beijo e lançando-lhe um sorriso o jovem saiu da tenda do Tarot e mais uma vez se apressou a seguir na direcção da ponte de Londres. Lançando ao ar a moeda para que apanhasse os raios alaranjados do pôr-do-sol, olhou mais de perto para o rosto metálico da rainha Isabel. Piscou-lhe o olho e, como de costume, ela retribuiu-lhe o gesto; raspou um fragmento de prata sobre o olho esquerdo dela, revelando um ponto do metal mais escuro que havia por baixo. A moeda dos truques que tinha mais prata de um lado do que do outro era um xelim inglês falso que fabricara com um sócio numa missão clandestina aos Países Baixos no ano anterior. *Os fados são falsos. É melhor fabricar a nossa sorte do que esperar tê-la.*

Qualquer tipo de sorte era uma utilidade para ele. Afinal não era apenas um escritor em busca da sua musa. O jovem Christopher Marlowe era um espião ao serviço secreto da rainha... um espião sem fazer a mínima ideia de que a velha tinha razão.

2

LONDRES — 20:20 NA ACTUALIDADE

O Daimler prateado estacionou em Eaton Square em Belgravia, um exclusivo enclave residencial no centro de Londres. Um jovem barão saiu, abotoou o smoking e pegou no ramo de rosas que tinha sobre o assento. Fez um aceno ao motorista e começou a caminhar diante das casas de pilares brancos ao longo do parque perfumado.

Era uma tarde fresca de Primavera e o chapéu, o fino cachecol e as luvas pareciam perfeitamente apropriadas. Ninguém adivinharia que não as usava por ter frio. Os acessórios destinavam-se a que ninguém nas vizinhanças fosse capaz de o descrever mais tarde, se por acaso se recordasse de o ter visto, o que era pouco provável. Naquele bairro, um homem trajando roupas caras e caminhando com um passo seguro era melhor do que um soldado de camuflado avançando pela selva.

Minutos mais tarde, deixou-se ficar à porta de uma casa de quatro andares em Wilton Crescent, uma rua em forma de meia-lua. A fachada iluminada por um candeeiro era também curva e uma trepadeira pendia da varanda. Fingindo bater na porta da frente com a mão esquerda, manobrou disfarçadamente uma gazua com a direita, escondendo a delicada manobra com o ramo que equilibrava na curva do braço direito.

Tendo inserido na fechadura a agulha de aço que saía da gazua, usou o indicador e o dedo médio para ajustar o comprido gatilho e manipular as cavilhas cilíndricas da fechadura. Feitas de nogueira e aço com uma camada interior de madreperola era um objecto que ele próprio manobrava. Não fora fácil deixar em casa o seu conjunto de gazuas clássicas, mas assim às claras, não havia tempo de abrir manualmente uma fechadura que ele sabia que tinha pelo menos cinco trancas. As gazuas transformavam em segundos uma operação de quinze minutos. E em-

bora fosse seu hábito desdenhar aquilo que era usual entre os ladrões inexperientes, pouca escolha havia para aquela situação.

Abriam-se as trancas da fechadura e depois de ter entrado no vestibulo, poisou as flores, fez deslizar a gazua para a bainha que colocara no antebraço esquerdo e avançou com cautela com os braços erguidos. Os movimentos graciosos não faziam parte de uma excêntrica dança. Soou um suave pipilar e o seu pulso direito deteve-se abruptamente quando um dispositivo electrónico no seu botão de punho de platina atingiu o alvo no painel de segurança. O sistema ficou imediatamente bloqueado por uma frequência electromagnética de curto alcance.

Para um ladrão de qualidade, arrombar uma casa vulgar era uma brincadeira de crianças, especialmente se o dono se tivesse mudado recentemente e os sistemas de alarme ainda não tivessem sido instalados. Era como utilizar um atirador especial para disparar a curta distância contra um homem gordo adormecido.

O barão concordara em fazê-lo como favor a um amigo, o seu único amigo que conhecia a verdade: que ele era uma espécie de Robin dos Bosques dos tempos modernos. Não por altruísmo — simplesmente sentia uma infinita repugnância pelos ricos e ociosos. Os que eram como ele. Aquelas pessoas em cuja companhia podia ser visto em clubes exclusivos de Londres, casinos do Mónaco e elegantes hotéis de Portofino. Era um traidor silencioso nas suas fileiras, rapinando os seus valiosos tesouros, vendendo silenciosamente os objectos no mercado negro e dando depois os proveitos exactamente àquelas causas que mais exasperavam os involuntários beneméritos. Graças ao seu golpe mais recente, um membro do parlamento do partido conservador, conhecido xenófobo, fundara sem se aperceber uma clínica de saúde para imigrantes pobres. O barão vestido de negro arrancara uma estatueta de Degas enquanto o MP e a mulher jogavam às cartas de roupão na sala ao lado.

Nunca tinha assaltado uma casa sem antes ter sido convidado numa ocasião anterior. Entrar às cegas sempre lhe parecera má ideia, mas o seu amigo conhecia bem o dono e recolhera informação suficiente para garantir que o roubo daquela noite seria seguro. Ainda nem havia botões de alarme instalados no chão. Nada de câmaras ou fios nas janelas. E o cofre ficava algures no escritório, situado no terceiro andar.

Depois de ter subido as escadas, examinou a parede exterior do escritório — a que ficava entre ele e a rua — a única parede com espessura suficiente para conter um cofre. Duas janelas grandes, nada por trás do único quadro. Voltou a sua atenção para o soalho. Com algumas pancadas estratégicas e um ouvido experiente, detectou rapidamente um

buraco por baixo de um canto do tapete Shiraz de padrão complicado. Usando uma faca de papel que retirou da secretária do dono da casa, descobriu um painel de tacos de madeira com cerca de dezoito decímetros quadrados e viu o cofre. Tinha cerca de uma década e era uma caixa de aço com uma fechadura de segredo da Sargeant & Greenleaf.

— Senhor Sargeant? Senhor Greenleaf? Cavalheiros, vejamos então o que têm para mim desta vez — o barão acorrou-se e depois deitou-se de lado, descalçou as luvas e colocou um ouvido sobre o cofre e a mão sobre a fechadura. Enquanto rodava o mostrador, acariciava ao de leve a porta do cofre com a mão livre, tentando sentir e possivelmente ouvir os cilindros da fechadura entrarem em contacto uns com os outros, para calcular em que ponto de cada engrenagem tinham sido colocados os entalhes do mecanismo da fechadura.

Franziu a testa. Sentiu o caos por baixo das pontas dos dedos. Demasiados impulsos. A fechadura era definitivamente de um modelo resistente à manipulação, das que têm entalhes falsos e superficiais no mecanismo para não interferirem no processo da fechadura, mas suficientemente profundas para conseguirem reconhecer os pontos de contacto quando um especialista como ele fizesse girar o segredo. Inclinando a cabeça, retirou o barrete que escorregou para o chão.

— Tiro-te o chapéu minha linda. Ganhaste o primeiro assalto. Mas o segundo, creio que vai ser meu.

Sentou-se e ergueu a perna direita das calças, abriu uma bolsa de velcro que trazia ligada à canela e retirou lá de dentro vários objectos: uma carga plástica com uma capa metálica em forma de V — um explosivo acabado de chegar de um laboratório ilegal de Bratislava — um detonador digital, dois rolos de fio e uma pequena bateria de lítio. Colocou cuidadosamente o plástico junto à aresta direita da porta do cofre, directamente sobre cada ponto em que os fechos de aço da porta entravam na moldura da porta. Graças à prática que tinha do método, o explosivo rebentaria os fechos sem afectar o interior do cofre. Seria muito mau se torrasse o seu conteúdo. Aliás buscava um objecto altamente inflamável.

Inserindo o detonador, ligou-o à fonte de energia e carregou no interruptor. Começou uma contagem de quinze segundos. Voltou a calçar as luvas, usou o lenço para limpar o cofre, lançou o smoking por cima do buraco quadrado do chão e depois fez rolar um armário de arquivo sobre ele para sustentar o tecido. Três, dois... a detonação mal se ouviu, abafada pelo fino forro do casaco. Finas colunas de fumo serpenteavam no ar enquanto ele repunha o armário na sua posição original. Ajoelhou e espreitou pelo buraco, agarrou o manípulo do cofre e puxou-o cuidadosamente para cima.

E ali, sem estar sequer chamuscado, encontrava-se um antigo manuscrito encadernado a couro. Tinham-lhe dito que estivera enterrado durante séculos, juntamente com um segredo que a família do seu amigo parecia desesperada em manter. Era com certeza material excitante. Antes de entregar o seu achado exigiria que lhe contassem a história completa.

Ergueu do cofre o volume negro. Era bastante pesado, tinha cerca de quatro centímetros e o cabedal que o encadernava era notavelmente macio para uma coisa tão antiga. Reparou que não tinha título no exterior, a decoração era austera — apenas finos filetes dourados brilhando nas arestas da capa e da contracapa e nos cinco nervos salientes da lombada. Começou a abri-lo, mas deteve-se. Haveria muito tempo para o fazer depois.

Com o manuscrito escondido na mochila negra, o barão deu meia volta para observar rapidamente a sala. Chamou-lhe a atenção o cintilar do cristal — do outro lado da sala uma dúzia de frascos alinhavam-se em prateleiras com a formalidade e a precisão de meninos de coro. Depois de cheirar o conteúdo de cada um deles e de voltar a colocá-los cuidadosamente no devido lugar, serviu-se de uma bebida. Nada — nem mesmo uma fuga — se deveria interpor entre um homem e uma aguardente velha. O desporto nocturno poderia ter sido muito aborrecido, mas a bebida era excepcional. Erguendo aos lábios o líquido aveludado, apreciou aquilo que mais parecia um beijo suave do que um gole.

O interlúdio romântico entre o conhecedor e a bebida foi interrompido. Relâmpagos de luz vermelha encheram-lhe o copo. Com um rápido olhar viu uma luz rotativa na rua, o bater das portas de um carro, de passos que se aproximavam e de vozes segredadas.

Franziu a testa perplexo. Os homens da segurança a entrar em cena tão depressa? Impossível. Não tinha dúvidas de que desligara eficazmente o sistema simples. Deviam estar a aproximar-se de uma das casas adjacentes. Talvez houvesse na vizinhança uma discussão doméstica ou alguma criança tivesse tropeçado num alarme.

Uma porta rangeu suavemente. Com um sobressalto, o barão apercebeu-se de que se tratava da porta das traseiras da casa em que se encontrava. O local estava a ser cercado. *Aquele* local. Mas ele encontraria uma saída. Como sempre.

Embora calmo, o seu espírito fervilhava com outras possibilidades. Talvez o inevitável tivesse por fim acontecido. Talvez a polícia o tivesse apanhado depois de tantos anos. Devia tê-lo seguido a partir de sua casa e depois chamado reforços. Sabia que aconteceria mais tarde ou mais cedo e havia muito que tinha planeado a sua fuga e uma nova identidade.

Considerando o telhado a sua melhor opção, percorreu a sala em direcção às escadas quando ouviu passos dentro de casa. No andar de cima, a partir do átrio. Maldição, pensou, teria que sair por uma daquelas janelas e trepar ao telhado a partir dali. Espreitou para a rua e viu dois homens armados de vigia... um deles olhava para cima. Estava encurralado.

Por uns instantes, o barão manteve-se imóvel, hipnotizado pelo som do seu destino inesperado que se aproximava de si. Abanando a cabeça apercebeu-se de como subestimara a oposição.

Sentando-se numa cadeira de couro junto das janelas, poisou o copo na mesinha. Descalçou depois a luva esquerda, revelando um enorme anel com um rubi quadrado. Com o polegar direito e o indicador, puxou para trás a pedra preciosa e olhou para o pó escondido na cavidade posta a descoberto — cristais altamente potentes destilados da saliva do polvo de anéis azuis da Austrália. A pequena criatura cor de areia que adopta um tom amarelado com anéis azuis quando a incomodavam, possuía um veneno quinhentas vezes mais tóxico que o cianeto. Como já havia muito que tinha decidido que preferia morrer a enfrentar a prisão, ergueu a língua, colocou o anel debaixo dela e inclinou a cabeça para trás. Os cristais dissolveram-se e quase instantaneamente penetraram na rica rede vascular da mucosa por baixo da língua. Segundos mais tarde — mais depressa do que se o tivesse injectado no braço — o veneno chegava-lhe ao coração.

Fez uma careta ao sentir o gosto amargo na boca e bebeu outro gole de conhaque. Perfeitamente apropriado, pensou. Agridoce. O sabor do seu irónico falecimento — o gatuno mais abominável e cavalheiro apanhado durante o vulgar assalto a uma casa. Apesar do tremor do braço, ergueu o copo.

Um brinde final. Marcado pelos tiros.

3

NOVA IORQUE — 16:08, DO DIA SEGUINTE

Enrolada numa toalha, Kate Morgan encontrava-se no quarto examinando o conteúdo do armário com a testa franzida. Tinha um problema: devia chegar dentro de vinte minutos a uma reunião de negócios, onde se supunha que estivesse apresentável — mas era uma tarde quente de Primavera e tinha no pescoço uma marca que chamava as atenções e que precisava de esconder. Perguntou a si própria se poderia usar um lenço ao pescoço num dia assim sem parecer uma adolescente a querer esconder a marca de um chupão. A resposta foi negativa.

Ah-ah! Isto deve servir. Puxou de uma das prateleiras uma camisola preta de gola alta e sem mangas, colocou-a sobre a cama e começou a secar o cabelo com uma toalha.

O cano quente de uma pistola acabada de disparar fora encostado ao seu pescoço e deixara uma marca desagradável — um misto de equimose e queimadura. Kate sabia que tinha tido sorte. O fulano tinha querido esmagar-lhe a traqueia. Ela girara no momento exacto e ele falhara por alguns centímetros, dando-lhe a oportunidade de desferir um soco que acertou em cheio no rosto dele. Um toque final doloroso mas eficaz para aquele trabalho. O patrão insistira que ela tirasse o dia seguinte de folga, mas surgira um assunto urgente com um cliente que poderia sentir-se incomodado ao ver um pescoço arroxeadado e queimado.

Soutien, roupa interior e o top estreito, Kate subiu o fecho da saia do fato de riscas. Meteu o pente pelo cabelo com tendência a empear e procurou um par de brincos. Pérolas. Belas e elegantes. Maquilhagem? Talvez um pouco de batom. Pegou no tubo, voltou ao espelho e aplicou uma camada do seu tom favorito: *Brun Aigorá* de Guerlain — castanho avermelhado com pontinhos de ouro. A cor contrastava muito bem com os seus cabelos escuros, olhos verdes e pele cor de azeitona.

Depois o casaco. Apertou o botão do meio e recuou um passo para examinar a sua imagem. Arranjou os caracóis sobre os ombros, voltou a cabeça para a esquerda e olhou para o lado direito do pescoço. A gola alta ocultava tudo. Meu Deus, pensou: estás oficialmente apresentável. Olhou para o relógio. *Estás também atrasada. São horas de te pores a andar.*

Kate calçou os sapatos e pegou na mala. Foi nessa altura que reparou nas costas da mão. *Merda. Esqueci-me. Ora, não posso fazer nada.*

Como era habitual num dia perfeito de Primavera em Nova Iorque, os turistas de máquina fotográfica e a comer gelados enchiam os passeios da Quinta Avenida. Kate abria caminho por entre a multidão, dirigindo-se para Central Park. Já se começava a ver a camada de folhas de carvalho e sicómoro que cobria os muros do parque — uma onda verde que batia na costa de granito da metrópole.

Diante de um semáforo vermelho na Rua Cinquenta e nove, fez uma pausa junto a outros peões. À esquerda, o bater dos cascos que vinha do depósito das carruagens puxadas a cavalos misturava-se com o zumbido das conversas próximas e com o toque incessante das buzinas dos táxis. Pensando saudosamente na T-shirt e nos calções de Lycra que uma hora antes vestira para correr, tirou o casaco com um movimento dos ombros.

— Isso é tudo? — gritou um mensageiro de bicicleta, lançando-lhe um olhar lúbrico quando passou por ela.

— Por enquanto, mas logo à noite...

Lançando-lhe um beijo ao confundido rapaz, avançou com a onde de peões e ligou para o patrão.

— Slade — disse ele ao atender.

— Kate. Já me arranjei e vou a caminho do Pierre. Com quem me vou encontrar?

— Cidro Medina. Saiu de Oxford sem o curso completo para se transformar num mago das finanças. Trinta e poucos anos, *playboy* e com o toque de Midas. É um dos nossos clientes habituais na Europa... usa principalmente a agência de Londres, para o trabalho de contabilidade forense. De qualquer forma, ontem à noite o tipo voltou para casa depois de um jantar e encontrou um cadáver no escritório e tudo cheio de polícias. O alegado gatuno procurava um manuscrito do século XVI escrito numa língua estranha, uma coisa que os operários do Medina tinham descoberto mais ou menos há uma semana durante umas obras noutro edifício. O Medina quer saber exactamente o que foi encontrado e porque haveria alguém de o querer roubar. É aqui que tu entras. Não são perguntas para a polícia. Nem estão interessados porque já têm o gatuno nas mãos.

— Porque é que ele não o mostra ao especialista de um museu? Ou de uma leiloeira?

— Era o que pensava fazer. Mas um dos fulanos da nossa agência de Londres falou-lhe das tuas habilitações. Resolveu que fazia mais sentido consultar-te. Outro especialista do Renascimento poderia ter mais experiência mas nunca o perfil de investigador para coordenar a vertente histórica com o trabalho policial. És a pessoa perfeita para fazer encaixar as peças. Ele tinha outros negócios a tratar em Nova Iorque, por isso veio de avião esta manhã.

— Já percebi. Cheguei. Em breve dou notícias.

O íntimo salão de chá circular do Pierre Hotel fervilhava de conversas em voz baixa. Kate admirou-se com a sua opulência e bom-gosto — frescos que combinavam cenas clássicas com imagens de figuras da sociedade de Nova Iorque dos anos sessenta, candelabros de parede ornamentados a ouro, duas majestosas escadarias curvas e um jarrão gigantesco com um ramo de flores maior do que ela. Havia apenas nove mesas dispostas na sala, junto à parede com cadeiras de braços e poltronas estofadas de tecido.

Apercebeu-se de que aquele cenário elegante era perfeito para começar o seu mistério livresco, uma agradável mudança de ritmo após o seu último trabalho. Não que se escondesse do perigo, mas, por vezes, tinha saudades da sua antiga vida: um cantinho sossegado na sua bem fornecida biblioteca, o consolo de se ver imersa noutra local e noutra tempo, a emoção de ir retirando camada após camada daquilo que obscurecia um assunto tão fascinante. Pelo menos para Kate fora emocionante; a sua companheira de quarto ameaçava com extraordinária regularidade pôr-lhe debaixo da janela um grupo de jovens barulhentos e pôr a tocar em altos berros música *thrash* norueguesa se ela tentasse ficar em casa a trabalhar numa noite de fim-de-semana.

Kate deu o seu nome ao chefe de mesa e seguiu o olhar deste até ao seu cliente. Caramba! Não que Medina fosse convencionalmente bonito, de modo algum. Tinha o nariz demasiado proeminente — até mesmo adunco — e as maçãs do rosto e o queixo afilados a ponto de poderem magoar alguém. Os lábios eram um pouco grossos demais. Mas era um rosto espantoso, emoldurado por cabelo loiro e revolto, que nos fazia parar, olhar e imaginar o que estaria por detrás dele.

Ao atravessar a sala, Kate olhou para o fresco na parede por detrás dele. Uma Vénus nua saindo de uma concha, com um ser meio homem meio serpente enroscado nos seus pés. *Uma miúda que não se emocionaria com o seu primeiro cliente excitante — mesmo que este*

pudesse fazer um modelo de Versace sentir-se inferiorizado.

Voltando-se para ele, Kate reconheceu uma expressão a que já estava habituada e que encontrava sempre que tinha um cliente masculino. Primeiro as sobrancelhas erguiam-se de agradável surpresa por ela ser atraente e depois a boca apertava-se ao de leve ao aperceber-se da sua inesperada juventude.

— Cidro Medina — disse ele erguendo-se e estendendo-lhe a mão. É um prazer conhecê-la. — Falava com um sotaque de colégio privado inglês, salpicado de espanhol.

— Gostaria de lhe apertar a mão — disse Kate — mas... tive ontem um pequeno acidente.

Medina olhou-a com uma expressão curiosa.

Não há maneira de o evitar. Ela mostrou-lhe as costas da mão direita. Um enorme alto arroxeadado, do tamanho de uma uva grande, cobria-lhe os nós dos dois últimos dedos.

— Parece-me que o seu acidente teve a ver com a cara de outra pessoa — observou ele, surpreendido. — Posso parecer-lhe um menino de coro...

Ah, pois sim...

— ... mas sei o que acontece quando se dá um murro com a mão nua.

— Não me diga! Conte-me mais.

Ele riu.

— Impressionante. Faz um apelo ao meu ego e desvia de si as atenções. Muito bem, não a vou pressionar. Mas continuo curioso. Não me tinha apercebido de que os investigadores privados elegantes andavam ao murro como os adeptos do futebol.

— Não andamos — disse Kate e era verdade.

A empresa de investigações privadas para que trabalhava, uma das mais importantes a nível mundial, fora afinal criada para servir de cobertura a uma unidade de investigação extra-oficial dos Estados Unidos. O seu patrão, Jeremy Slade, antigo subdirector de operações da CIA escolhera o sector privado mais aproximado para ser a companhia de fachada da unidade, pois sabia que as melhores mentiras se ocultam num máximo de verdade. Apenas uns quantos investigadores estavam ao corrente da natureza dupla da empresa, aqueles que participavam nas operações secretas do governo, ao mesmo tempo que faziam o seu trabalho habitual. Kate era uma delas. E eram os trabalhos para o governo que geralmente eram perigosos e que, por vezes, os punham fisicamente em perigo. Kate aprendeu rapidamente que a ideia de que os investigadores privados estão sempre metidos em sarilhos não passa de um mito

da cultura popular. Mas Kate não podia explicar tudo isso a Medina, por isso preferiu dizer:

— De facto raramente lutamos. Mas, de vez em quando, se um cliente é realmente muito, muito agressivo...

Medina sorriu.

— A agência de Londres enviou-me o seu currículo por fax ontem à noite, mas não me avisaram de que seria uma companhia tão agradável.

Kate encolheu os ombros e sentou-se.

— Estou impressionado — continuou Medina, sentando-se também. — Duas licenciaturas em Harvard. Sabe, nem uma eu consegui fazer.

— Já sei. Que pena. Mas a sua carreira profissional não parece ter sido prejudicada com isso.

Ele sorriu de novo, lisonjeado.

— Estava no meio de um doutoramento em Estudos do Renascimento Inglês quando saiu da universidade, não é verdade?

Kate acenou afirmativamente.

— Exactamente, o que estava a estudar?

— Curiosidade... a busca de segredos sobre conhecimentos proibidos.

— Como assim?

Ela prosseguiu.

— Achei interessante que a primeira organização de espionagem fundada pelo estado em Inglaterra tivesse sido formada ao mesmo tempo que os ingleses investigavam novas respostas para os mistérios cósmicos, os segredos de Deus, sabe? Explorando os confins mais longínquos do globo e voltando os primeiros telescópios para os céus. E entretanto a curiosidade não era considerada a virtude que é hoje. Eu...

— O que quer dizer com isso? — interrompeu Medina.

— Bom... geralmente os teólogos da Idade Média condenavam a curiosidade excessiva porque a consideravam um vício. Tentar perceber os mistérios celestes era heresia, magia negra. Esta atitude manteve-se nos clérigos da linha dura da época isabelina, portanto certas linhas de investigação podiam causar a uma pessoa problemas com as autoridades. Por exemplo pôr em dúvida a existência do inferno, ou o facto da terra ser de facto o centro do universo. De qualquer modo eu queria comparar os dois problemas: reflectir sobre qual seria o tipo de curiosidade mais perigosa, se a sentida pelos segredos de estado ou pelos segredos divinos.

— Fantástico. E porque passou para o grupo do Slade? — perguntou. — Parece-me uma escolha invulgar para uma intelectual tão promissora.

Kate desviou os olhos por uns instantes. Fora de facto uma escolha invulgar, mas dois anos depois de ter começado o programa de pós-graduação tivera de enfrentar circunstâncias pessoais invulgares. Um acontecimento que lhe tinha partido o coração e virado a vida de pernas para o ar. Mas não era nada que interessasse a Medina.

— É muito simples — respondeu. — Decidi que precisava de participar no mundo real, de ajudar pessoas a conseguir respostas a perguntas importantes, a tirá-las de sarilhos, a recuperar coisas que tivessem perdido. Como sabe, Slade faz de facto muito trabalho legal, mas não na minha área. Eu trato principalmente de assuntos pessoais... de crimes que a policia nunca resolveu, esse tipo de coisas.

“Bom — continuou a sorrir — sei que deveria estar aqui a conversar mais tempo, mas aquilo que aconteceu na sua casa ontem à noite... o cadáver, o manuscrito misterioso? Estou impaciente para que me conte.

— Estou a restaurar um imóvel na City, perto de Leadenhall Market — disse Medina referindo-se ao distrito financeiro de Londres.

— Um novo espaço para escritórios?

Medina acenou afirmativamente enquanto abria os fechos da pasta e procurava qualquer coisa dentro dela. — Durante as obras de reforço, os homens encontraram um compartimento escondido por baixo dos alicerces do edifício.

Entregou a Kate um objecto rectangular metido num grosso saco de veludo.

— Isto foi encontrado selado e no vácuo dentro de uma caixa de metal. Provavelmente é por isso que está tão bem conservado — fechou a pasta com força e pousou-a no chão.

Retirando o manuscrito do saco, Kate olhou para a simples capa negra com arestas douradas, depois procurou um título na lombada. Como não o viu, colocou o manuscrito sobre a mesa e suavemente como se acariciasse a face de um recém-nascido, passou a ponta do dedo pela capa.

— O couro quase não está estalado — disse encantada. — É difícil acreditar que date do século dezasseis.

Ergeu o dedo, passou a primeira página em branco e por um momento pareceu deslumbrada ao ver estranhos círculos arcanos parecidos com hieróglifos.

— Falei com um professor que conheci bastante bem em Oxford — disse Medina. — Um historiador chamado Andrew Rutherford. Mostrei-lho a semana passada. Embora conseguisse datar parte do documento, não foi capaz de entender essa escrita. Consultou um especialista em alfabetos antigos, mas parece que esses símbolos não têm relação com nenhum deles.

— Podem ser nulidade — disse Kate em voz baixa, erguendo a página.

— Como assim?

— Aproxime-se mais.

Ele inclinou-se sobre a pequena mesa e um instante depois ergueu ao de leve o canto direito da boca na sugestão de um sorriso.

— Mais perto do livro — insistiu ela. — A que lhe cheira?

Ele esboçou uma expressão desiludida e depois perguntou:

— Tem de me cheirar a alguma coisa? Tem centenas de anos.

— Mostre um pouco de fé naquele recipiente estante que mencionou. Não lhe vai acontecer nada.

— Muito bem. Couro e hã... uma espécie de papel antigo.

— Muito bem. E que mais? — perguntou Kate abanando lentamente a página para trás e para diante.

— Tinta, acho eu?

— E?

— E... mais alguma coisa — murmurou ele, aspirando de novo. — Limão.

Kate retirou da mala uma lanterna pequena mas potente. Voltando o manuscrito de lado, fez incidir a luz sobre a página que estava a examinar. Apareceram letras entre as linhas dos símbolos escritos a tinta.

— Com os diabos! — murmurou Medina. — *A Anatomia dos Segredos* por Thomas... — leu em voz alta. — E o que diz mais? Philip... Phel...

— Phelippes — disse Kate aturdida. — As duas letras no fim... o *e* inclinado para trás e o *s* também inclinado para trás com uma volta por baixo? É o estilo de caligrafia isabelina.

Com os olhos muito abertos de espanto, baixou a página.

— Sabe quem era Phelippes?

Medina abanou a cabeça.

— Talvez já tenha ouvido falar de Francis Walsingham, o lendário espião da Rainha Isabel. É considerado o fundador do primeiro serviço secreto oficial de Inglaterra e Phelippes era o seu braço direito, o seu director de operações secretas... chamavam-lhe “o decifrador” pela sua técnica de decifrar códigos. Hoje em dia Phelippes é principalmente recordado por ter ajudado a encurralar Maria Stuart, rainha da Escócia.

— O nome parece francês.

— Sim, quando nasceu chamava-se Phillips. Provavelmente mudou o nome para que este ficasse mais elegante — acrescentou rapidamente Kate.

Apontou seguidamente para os símbolos de aspecto hieroglífico.

— Estes caracteres escritos a tinta eram conhecidos como nulida-

des na época renascentista. Eram uma espécie de armadilhas... símbolos sem significado com a intenção de nos afastar. Os códigos e as cifras eram uma parte crucial das comunicações secretas do tempo, tal como escrever as informações com sumo de limão, leite, cebola... qualquer coisa orgânica. Quem quer que folheasse os papéis de Phelippes e olhasse para uma folha assim, punha-a de lado perplexo. Mas, se tivesse uma vela...

Kate passou à segunda página e fez incidir a sua lanterna sobre ela. Porém, desta vez não apareceram letras translúcidas. Olhou com mais atenção para a página. Era levemente menor do que a anterior, mais amarelada nas margens e parecia vincada como se tivesse sido dobrada várias vezes, parecendo também ter sido escrita pela caligrafia de outra pessoa. Concentrando-se nos caracteres propriamente ditos, viu que eram mais simples do que as nulidades — os símbolos de despiste — que apareciam na página do título. Havia um que se parecia com um girino, outro semelhante ao planeta Saturno rodeado pelo seu anel, um número três com outra argola e outro parecido com um oito com uma espécie de rabo de porco por cima.

— Será que... — a voz de Kate desvaneceu-se ao examinar as páginas seguintes. Também elas pareciam mais gastas que a primeira página, com caracteres mais simples, vários estilos de caligrafia e sem qualquer texto escondido, escrito com sumo de limão.

— Sim — disse acenando com a cabeça, enquanto examinava a quinta página. — Tenho a certeza de que são verdadeiras cifras isabelinas. Alguns dos caracteres são-me familiares. Este — disse apontando para um *o* de onde saía uma cruz — já o vi utilizado para representar França. E este a Espanha — continuou apontando para o que parecia um quatro sobre um traço curto. — E esta seta apontando para cima, a Inglaterra.

Erguendo os olhos, Kate reparou que dois adolescentes a espiavam do outro lado da sala e que uma mulher mais velha na mesa ao lado a observava por entre as dentadas que dava num *scone*. Fechou o manuscrito com alguma relutância e disse em voz baixa.

— Isto parece tratar-se de uma colectânea de informações dos serviços secretos do século dezasseis.

— É estranho que o professor que eu conheço...

— A espionagem não é uma especialidade muito comum ou de grande prestígio académico.

— Pois, mas mesmo assim, não percebo porque razão alguém tentaria roubar isto da minha casa quando tenho lá tantas coisas muito mais valiosas. Deixei as chaves do carro sobre a mesa do hall... ao lado de uns botões de punho de diamantes. O ladrão não lhes tocou. Parece-me estranho, a menos que fosse um pouco tolo.

A menos que... Disposta a manter a compostura Kate respirou fundo.

— Podem não ser apenas antigos relatórios de espionagem. Os arquivos secretos desapareceram depois da morte de Walsingham em 1590 e, quer os isabelinos, quer os eruditos modernos consideram Phelippes um possível suspeito. Certamente que os arquivos eram muito valiosos. A rede de espiões de Walsingham teria posto a um canto os homens de J. Edgar Hoover. Segredos, escândalos, suspeitas, fosse o que fosse, descobriam. Durante décadas. E, afinal, esses arquivos nunca foram encontrados. Talvez...

— Um momento. Pode parar um segundo? Porque havia tanta espionagem nessa altura?

— Que tal são os seus conhecimentos de história inglesa?

— Beras — admitiu Medina. — *Sou* meio inglês, mas cresci em Espanha... e nunca gostei muito de livros.

— Pois bem, o governo protestante de Isabel I era ameaçado por todos os lados por conspirações de católicos e não só. As conspirações católicas estavam sempre presentes e envolviam agentes nacionais e estrangeiros. Espanhóis em particular. Também o Papa que emitiu uma bula ordenando ao seu rebanho que fizesse o que fosse necessário para se ver livre de Isabel.

— Então muita gente tentava assassiná-la.

— Exactamente. E na década de oitenta do século dezasseis, Walsingham convenceu-a finalmente a gastar dinheiro em espionagem. Por isso, pela primeira vez na história de Inglaterra, o Tesouro Real subvencionou uma boa parte da conta dos serviços secretos e Walsington pôde realmente expandir a sua operação. Com Phelippes a seu lado construiu uma vasta rede de informadores e espiões — ou esbirros como eram conhecidos no tempo. Por vezes os seus agentes usavam ameaças e intimidações para recrutarem gente, mas faziam-no principalmente com a promessa de dinheiro. E como tal, Walsingham conseguiu descobrir traidores com tanta precisão que seria capaz de pôr a cabeça de Joe McCarthy às voltas. A sua gente descobria tantos podres que, em qualquer altura, conseguia ameaçar enterrar viva qualquer pessoa.

— Um sítio encantador para se viver — disse secamente Medina.

— Bem sei. Quando se fala da época isabelina, a maioria das pessoas pensa em Shakespeare e na pompa da corte. Mas, por baixo desse fausto existia uma horrível polícia de estado. Não havia o conceito de se ser inocente até se provar a culpa. Se a segurança da rainha estivesse em causa, o que importava era a suspeita. E assim, a palavra dos espiões, que descobriam segredos e pecados, podiam mandar quem quer que fosse

para a câmara de tortura assim... — disse Kate fazendo estalar os dedos.

— Diz então que os arquivos de Walsingham desapareceram depois da sua morte?

Kate acenou com a cabeça.

— Há mais de quatro séculos.

— Pensa então...

— Penso que este manuscrito pode provar que Phelippes foi quem os levou. Depois examinou cuidadosamente décadas de volumosos documentos, seleccionou os relatórios mais interessantes, encadernou-os e... *presto!*... *A Anatomia dos Segredos*. Uma colectânea de informações tão ameaçadora para a aristocracia isabelina como os arquivos de Hoover para os políticos americanos. Como objecto histórico pode não ter sido a coisa mais valiosa na sua casa, mas calculo que o ladrão não estivesse preocupado com o preço da venda.

— Como assim?

— Pois bem, qualquer estudioso do Renascimento adoraria pôr as mãos sobre isto. Publicar um documento explosivo e ficar famoso, embora a maioria dos académicos sejam muito delicados e não se tornem conhecidos por assaltar e entrar em casas ou contratar um profissional...

Kate reflectiu por uns momentos.

— Talvez haja aqui alguma coisa ainda ameaçadora para alguém. Como, por exemplo de que o antepassado de um certo duque era afinal bastardo e ele perdesse os seus direitos se a informação fosse revelada.

— É uma possibilidade.

— Pode crer. E como quase ninguém sabe que o senhor encontrou isto, não deve ser difícil...

Nesse momento o empregado trouxe o tabuleiro dos bolos e das sanduíches triangulares, juntamente com um bule de chá e chávenas de porcelana.

Kate agradeceu e voltou-se para Medina.

— Pode dizer-me mais alguma coisa acerca do arrombamento de ontem à noite?

— Foi ao princípio da noite — disse ele pegando num bolo de creme. — A polícia pensa que ele entrou por uma janela das traseiras. Deixei-a aberta... na minha nova casa de Belgravia.

Kate conhecia bem o bairro — passara lá uma semana inteira a fazer vigilância. Muito perto do Palácio de Buckingham a zona tinha sido desenvolvida pelos ricos e para os ricos no século dezanove. Mantinha-se o local ultra chique, onde dinheiro velho e novo se misturavam.

— Mudou-se para lá recentemente? — perguntou ela, servindo-se de chá.

Mastigando, Medina acenou afirmativamente.

— Até que o sistema de segurança seja instalado, tenho um guarda no recinto sempre que saio. Foi ele que telefonou à polícia quando ouviu barulho. Não teve importância que demorassem. Depois de arrombar o meu cofre o ladrão instalou-se. Serviu-se de um copo de conhaque. Dá para acreditar?

— Como foi que morreu?

— Estava armado. Quando o meu guarda abriu a porta viu uma pistola que lhe era apontada e disparou. Tentava atingir o braço do fulano para o desarmar, mas daquele ângulo...

— A polícia identificou-o?

— Ainda não.

— Verificaram as impressões digitais?

— Não coincidem com nenhum registo — Medina voltou à pasta e retirou de lá um monte de fotografias. — Fotografias da cena do crime, se...

Kate deu uma olhadela. Na primeira, o ladrão estava estiraçado num cadeirão, com a cabeça inclinada sobre o ombro, o rosto obscurecido pelo sangue e pelas sombras.

— *Belo* fato. Feito à mão. Parece de corte inglês. Pode ser uma maneira de o localizarmos.

— Boa ideia.

Continuando a passar as fotografias, Kate espantou-se.

— O seu cofre... uau! O fulano era mesmo bom. Fez isto em poucos minutos?

— Nem tanto.

— Deve ter usado uma carga especial — acrescentou, vendo que as tábuas de madeira à direita do cofre de Medina mal estavam chamuscadas. — Não é fácil pôr as mãos em cima delas.

— De que elas?

— É um bocado de plástico coberto de metal que permite uma explosão controlada e dirigida. Parece que a usou para derreter os fechos de aço que seguram a porta. Lembra-se do voo 103 da Pam Amintas? A CIA conseguiu localizar os líbios que o fizeram explodir a partir de um dispositivo também raro e sofisticado, o relógio da bomba... Um técnico suíço fez apenas uma dúzia. Sim. Não deve ser muito difícil identificá-lo.

— E o motivo? O detective não me pareceu muito interessado. Para dizer a verdade foi até um pouco refilão comigo.

— Suponho que o possa encontrar aqui — disse Kate apontando para *A Anatomia dos Segredos*. — O problema é, por muito que me custe dizê-lo, um manuscrito como este, único e do século dezasseis, deveria

estar num museu, com o devido controle de temperatura e luz... Pode também haver uma lei na Grã Bretanha que obrigue a entregar estas descobertas a uma determinada instituição cultural. Não tenho a certeza se...

— Apesar de detestar ofender a erudita que existe em si — interrompeu Medina — tinha esperanças de que não se importasse de deixar que os burocratas esperassem mais uns dias. Tenho lá em cima no meu quarto a caixa estanque e como esteve conservado dentro dela durante quatrocentos anos...

— Está feito — disse Kate a rir. — Se eu examinar todas as páginas esta noite e depois o selar, a minha consciência ficará em paz. Mesmo assim, diga-me, porque é que, bom...

— Me preocupo?

— Sim. Depois do que disse sobre os seus interesses...

— É a coisa mais emocionante que já me aconteceu. Não que haja muito mais coisas que vençam o jogar com números — fez uma pequena pausa e depois continuou esboçando um sorriso malicioso — além do mais, quem poderia resistir à possibilidade de brincar aos detectives amadores com uma rapariga tão bela?

Para satisfação de Medina, Kate encolheu os ombros e ergueu as mãos. Porém revirou mentalmente os olhos. Bela não era a palavra que geralmente utilizava para se descrever. Na sua opinião não era feia de todo, o que lhe era bastante útil de vez em quando, mas não tão bonita que lhe desse responsabilidades; se necessário fosse, passaria despercebida na multidão.

Voltando ao que era importante, retirou da mala um bloco-notas.

— O seu professor, o Doutor Andrew Rutherford, preciso de lhe telefonar — olhou para o relógio. Em Inglaterra passava das dez. — Logo de manhã, acho eu. Gostaria de saber a quem mostrou ele o manuscrito para poder começar a elaborar uma lista de todas as pessoas que sabem da sua descoberta. Pode dar-me o número de telefone dele? E posso ficar com isto? — perguntou apontando para as fotografias.

— Sim e sim. Sabe, já estava impressionado consigo antes de nos termos conhecidos — acrescentou copiando o número do telemóvel. — Agora ainda estou mais. Tenho a certeza de que é muito competente. Mas há uma coisa que me preocupa seriamente.

— O quê?

— Não posso deixar de me interrogar sobre se devo confiar em si. Vejamos, espias astuciosas podem representar um perigo. Isto é se pensarmos nalgumas das suas ilustres predecessoras... Dalila, Mata Hari...

Pegando numa colher, Kate fingiu que esta era um microfone.

— Nota para mim mesma: o cliente é conhecedor de fulanas que fazem jogo duplo. Tomou-me logo por uma.

Medina ergueu a chávena com um brilho no olhar.

— Brindo a que o seu destino não seja tão lúgubre.

Kate sabia que Dalila fora esmagada viva pela queda do templo, mas Mata Hari? Oh, claro, o pelotão de fuzilamento.

Kate encostou-se na cadeira e cruzou os braços.

— E oiço eu isto de um homem que diz ter conhecimentos de história muito beras.

— Ora, mas conheço as fulanas.

— Tenho a certeza que sim, Cidro.

Voltando à Quinta Avenida para apanhar o comboio que a levaria à loja do negociante de livros raros que pretendia visitar, Kate tentava esconder o sorriso que teimosamente se recusava a sair-lhe do rosto. Assim que se despedira de Medina parecera ganhar vida própria.

Se a sua teoria estivesse correcta, pensou emocionada, Thomas Phelippes — um homem que já lhe parecia conhecer — tinha criado uma versão encadernada dos mais deliciosos segredos de Walsingham. E poderia ter estado enterrada desde o Renascimento, pensou emocionada. Phelippes vivera perto de Leadenhall Market, a zona da City em que o novo escritório de Medina estava a ser restaurado. Nessa época os compartimentos secretos eram mais do que comuns. Alguns deles eram conhecidos como “buracos dos padres” e tinham sido construídos para esconder os ilícitos homens vestidos de negro, sem os quais os católicos ricos não podiam passar. Quando a maior parte de Londres ardeu de alto abaixo no Grande Fogo de 1666, o compartimento pode ter-se perdido por baixo do entulho e das cinzas. Até à actualidade.

Kate agarrou a mala com mais força. Sentia-se uma apreciadora de conspirações que acabara de tropeçar no diário de Lee Harvey Oswald. Naquelas páginas em código poderiam estar escondidas as chaves de dezenas de mistérios: o primeiro amor da Rainha Isabel teria de facto atirado a mulher pelas escadas abaixo? Ela teria tido tantos amantes como se pensava? Estaria Maria, Rainha da Escócia por trás do assassinato do primeiro marido e feito parte da conspiração para matar Isabel? E a prova de que Shakespeare escrevera de facto as peças que lhe tinham sido atribuídas?

Enquanto estudante, Kate nunca sonhara poder decifrar um documento como *A Anatomia dos Segredos* de Phelippes, ou mesmo que tal coisa fosse descoberta. E certamente nunca fizera ideia de que o seu amor pela história e literatura do Renascimento viesse a desempenhar um papel na sua carreira. Não podia estar mais entusiasmada. Então

porque seria que um vago nervosismo interferia agora com o seu bom humor?

Uma pancada forte empurrou-lhe o ombro direito. Segurando a mala com ambas as mãos, olhou para a pessoa que passava por ela e ficou mais descontráida. Era uma típica loura da baixa da cidade, apressada, com as unhas imaculadas, uma expressão convencida que nenhuma atriz poderia imitar e pensamentos tão previsíveis como a cor dos seus cabelos. Momentos depois, os passos rápidos da mulher tinham-se reduzido a um arrastar de pés impaciente, quando esbarrara em duas curvadas senhoras de idade que passeavam lentamente de braço dado. Divertida, Kate escutou a loira a praguejar em surdina; não havia dúvida de que era uma das muitas habitantes de Nova Iorque que considerava ser pecado caminhar a passo lento durante a hora de ponta.

Contudo o coração de Kate continuava acelerado e não por causa do manuscrito. Deteve-se para falar com Blake, o segurança extraordinariamente bem parecido que se encontrava à porta do Harry Winston. Embora estivesse geralmente rodeado de elegantes turistas do sexo feminino, naquele momento encontrava-se só.

— Estás a ver alguém com quem me deva preocupar?

Por uns momentos ele olhou vagamente para trás dela e depois respondeu.

— Mmm, meia-idade, cabelo grisalho... ou pelo menos o que resta dele... anda ali perto do cesto dos jornais do outro lado da rua. Acaba de erguer os olhos. E, bom, um fulano que passou olhou-a dos pés à cabeça e a namorada fez o mesmo, mas acho que isso não quer dizer nada. Umhas pessoas acabaram de entrar nas lojas.

Kate não tinha visto ninguém, mas sentira que alguém a seguia. Fora treinada para detectar quem o fizesse, mas se fossem mesmo bons, limitava-se a senti-los.

Fingindo examinar uma das montras da Winston, escutou o que Blake dizia.

— Aposto no grisalho. Queres atravessar?

Havia uma saída escondida num dos armazéns do Harry Winston que levavam a uma rede de túneis abandonada. Num caso anterior, Kate e um dos seus colegas tinham descoberto uma série de desfalques feitos por um empregado e o gerente dos armazéns, agradecido dera-lhe carta branca para passar lá por dentro sempre que quisessem. Para ela era uma espécie de alçapão na baixa.

— Obrigada, mas hoje não. Gostaria de saber o que quer.

— Tens uma aura nova. Conheceste alguém interessante?

— Não, só um cliente. É bonito para os olhos, mas não é o meu

tipo... só um ricaço aborrecido com aquele ar de eu-sei-que-toda-a-gente-me-quer.

— Sei muito bem o que isso é — suspirou Blake. — Ele é dos teus, não?

— Parece-me que sim, mas depois logo te digo.

Continuando a dirigir-se para sul, Kate fazia uma pausa de vez em quando, permitindo que o seu perseguidor não a perdesse de vista. Olhando para as árvores iluminadas dos andares salientes da Trump Tower, perguntou a si própria se não estaria simplesmente a ficar paranóica. Pois bem, havia uma maneira de o saber. Um autocarro azul e branco de Manhattan parara a seu lado, Kate aproximou-se como se fosse entrar e olhou rapidamente para trás. O homem que Blake descrevera tentava apanhar um táxi.

Andava de facto atrás dela. Hmm. Kate olhou para o relógio quando começou de novo a andar, fingindo ter mudado de ideias. Uns quarteirões mais abaixo voltou para o Banana Republic no Rockefeller Center. Olhando para o seu reflexo na fachada espelhada da loja assegurou-se de que a sua sombra estava exactamente onde ela queria.

Num provador, Kate tirou o fato enrolou-o e meteu-o no saco, depois retirou lá de dentro uma cabeleira e uma saia curta de Lycra. Raramente saía de casa sem os elementos para um disfarce simples. A cabeleira, à altura do queixo, era lisa e loura. O próprio pai não a reconheceu uma vez com ela. Meteu o cabelo por baixo, vestiu a saia justa — muito diferente do fato conservador com a saia pelo joelho que vestia anteriormente.

Depois de substituir o batom escuro por outro com um tom de cor-de-rosa choque, Kate dirigiu-se a um cliente que estava na caixa e disse-lhe que lhe daria vinte dólares se ele a acompanhasse até lá fora. Ele passou-lhe o braço pelos ombros, saíram da loja e desapareceram na hora de ponta. Depois, recusou o dinheiro.

O homem de cabelo grisalho e com uma barriguinha de cerveja vigiava a porta do Banana Republic do outro lado da rua, meio escondido pelos turistas que se juntavam à porta da Catedral de S. Patrício. *Se essa rapariga fosse parecida com a minha mulher, estaria lá dentro durante horas.* Olhou para o relógio. Tinham passado apenas vinte minutos. Mesmo assim devia preparar-se para a saída dela. Era o local perfeito para avançar — o sítio mais densamente povoado da zona.

Com os olhos ainda postos na loja de roupas, meteu a mão no bolso para agarrar a navalha da barba e depois entrou em pânico. A navalha desaparecera e a carteira também. Passara vinte e cinco anos em Nova

Iorque, quinze na polícia, dez como detective. Apanhara centenas de ladrões mas nunca fora roubado. Maldição.

Alguém lhe bateu no ombro.

— Com licença — disse uma voz tímida. — Podia dizer-me onde fica o... o...?

Que sotaque era aquele, italiano? Deu meia volta. Ah, uma turista jeitosa perdida na cidade, de mapa na mão, com uma expressão implorante no rosto. Mas ele estava a trabalhar.

— Desculpe menina. Agora não a posso ajudar.

— Acho que pode.

Ele recuou um passo, atrapalhado. As feições dela tornaram-se subitamente duras, as palavras foram pronunciadas em voz baixa mas num tom de comando, o sotaque desaparecera. Entregou-lhe a carteira. Ele mordeu o lábio assustado. Apesar da cabeleira, da roupa, da maquilhagem, reconheceu-a: era o seu alvo.

— Bill Mazur — disse Kate que, minutos antes, lançara uma olhada à carta de condução. — Expulso da polícia por se ter tornado demasiado íntimo dos traficantes da zona. — Antes de o confrontar, Kate telefonara para a agência e dera o nome dele para rapidamente saber pormenores. — Quem o contratou?

Ele voltou-se para chamar um táxi, mas Kate avançou, agarrou-lhe no braço e torceu-lho, obrigando-o a voltar-se.

— Não respondeu à minha pergunta.

Mazur tinha no rosto uma expressão zangada e esforçava-se por se livrar dela.

— Oh, quase me esqueci — disse Kate com sinceridade fingida, passando-lhe a navalha para a mão que ela ainda lhe mantinha imobilizada. — Cobardes como você precisam destas coisas para fazer um trabalho.

Uma expressão perturbada invadiu o rosto de Mazur quando a navalha caiu no chão. Kate apertava-lhe um nervo no pulso e os seus dedos eram inúteis.

— Responda à minha pergunta e os seus amigos da polícia nunca vão saber que foi apanhado por uma rapariga com metade da sua idade.

Com um puxão, Mazur soltou o braço e recuou zangado.

— Sua cabra. Não sei quem você é, ou do que me está a falar...

Kate tinha um último truque na manga — um outro pormenor que o seu colega lhe tinha transmitido minutos antes via telemóvel.

— Que tal está o seu filho em Carroll Street? Se quiser, posso mandar lá alguém para ver se está tudo como deve ser.

Sem fazer a mínima ideia de que ela nunca faria mal a uma criança, Mazur capitulou.

— Não sei quem era. O fulano não me disse o nome dele... limitou-se a mandar-me o trabalho por e-mail há umas horas. Mandou-me tratar do seu saco. Pagou em dinheiro. Quando saí do escritório havia um envelope em branco à minha porta.

— Disse especificamente o que é que queria?

— Qualquer coisa sobre um livro.

— O e-mail dele? — perguntou Kate entregando a Mazur o bloco-notas e uma caneta.

Ele obedeceu e voltou-se de novo para tentar apanhar um táxi.

— Depois digo-lhe se precisar de fazer mais perguntas — disse Kate quando ele já estava de costas.

Depois, lendo o que ele acabara de escrever, murmurou para consigo “O fulano dá a si próprio o nome de Dragão de Jade?”

Abrindo o telemóvel, Kate ligou para Medina para lhe comunicar de que ainda havia alguém atrás do manuscrito e que o ladrão morto seria provavelmente, um homem contratado. Avisou-o também para ter cuidado e ofereceu-lhe um guarda-costas; seria provavelmente uma precaução desnecessária, mas ao mesmo tempo uma boa ideia.

Kate considerava ainda que o seu novo caso era um mistério de baixo risco. Decerto que houvera várias tentativas de roubo, mas não deveria haver qualquer perigo. Pelo menos por causa de antigos mexericos e traições. Passariam ainda dois dias antes que se desse conta de que as suas conclusões estavam erradas.

OXFORD, INGLATERRA — 22:02

Com a mochila ao ombro, Vera Carstairs saiu da biblioteca da Christ Church, àquela hora quase vazia. Era a hora do fecho e como sempre estava entre os últimos estudantes a sair. Encostada a uma das enormes colunas coríntias, fez uma pausa para fechar os olhos cansados e gozar a morna brisa nocturna.

Depois, assustada soltou uma expressão sufocada.

Dois rapazes, transportando objectos cor-de-rosa não identificáveis passaram a correr por ela, levantando pó, enquanto atravessavam a correr Peckwater Quad. Ao vê-los correr daquela maneira e aos tropeções, Vera concluiu que não vinham de uma longa e frustrante noite de estudo. Desapareceram na Killcanon Passage e Vera, que se dirigia na mesma direcção, ouviu gritos embriagados pelo corredor de pedra.

— Vamos idiotas! Aos vossos lugares!

— Meu Deus! O que será desta vez? — resmungou ela.

Vera saiu do túnel, entrou em Tom Quad e deteve-se a olhar para os bizarros acontecimentos que se desenrolavam diante de si. Os estudantes estavam de pé, diante um do outro com as mãos entrelaçadas por cima da cabeça, formando arcos, através dos quais outros estudantes, vestidos de castanho, davam saltos depois de... *o que era aquilo?* Vera pôs os óculos. *Flamingos de plástico*, lhes terem batido no traseiro?

Foi assim que Vera percebeu que estava a assistir a uma encenação *de Alice no País das Maravilhas*. O jogo de croquete da rainha. Mas no livro as bolas eram ouriços, os tacos flamingos vivos e os jogadores a Rainha de Copas e a sua corte. Então, onde estaria ela? Onde estaria a rainha? Vera apercebeu-se imediatamente da resposta. Um rapaz louro e gordo, com um enorme coração vermelho pintado a batom no peito nu, começara a saltar enquanto gritava:

— Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe a cabeça! — Por sua vez, o castigado atirava a cabeça para trás, deixando que outro jogador lhe despejasse pela garganta abaixo qualquer coisa de um copo de plástico.

Recordando-se de que Lewis Carroll fora professor de Matemática em Christ Church, Vera calculou que se tratasse de uma espécie de homenagem muito peculiar.

Era o primeiro ano de Vera em Oxford, mas apercebera-se imediatamente de que os seus colegas gostavam particularmente de inventar razões aparentemente nobres para beber até ficarem completamente idiotas. Reparou que havia dois ouriços encolhidos a um canto e que outro se tinha esmagado na baliza, que balançava para trás e para a frente, acabando por cair sobre vários membros que se agitavam.

Nesse momento, o rei — um rapaz alto e magro, chamado Will, com uma coroa de papel — aproximou-se dela.

Vera sentiu o estômago apertado. Andara atrás dele durante todo o período.

— Queres jogar? — perguntou ele. — Preciso de uma bola. O meu ouriço quer curtir com o Coelho Branco — acrescentou, apontou para um rapaz de castanho que corria atrás de uma jovem de fato de banho branco.

Vera apontou para uma janela por cima de um arco de pedra do outro lado da praça.

— Realmente, como ele está em casa, eu ia ver...

— O Doutor Rutherford. Já devia ter adivinhado — Will revirou os olhos. — Sabes que trabalhar sem descanso...

— Bom, ainda não consegui arranjar o tema certo para o meu tra-

balho — explicou Vera. — Mas talvez este fim-de-semana... — fez uma pausa na esperança de que ele a convidasse para fazerem alguma coisa.

— Olá, Will — interrompeu-os outra jovem. Tinha um fato de ballet preto, bigodes pintados no rosto e uma bandelete com orelhas de veludo. — Apetece-te ir enganar a rainha esta noite? — Vera tentou não se irritar. Isabel Conrad era lindíssima, com seios incríveis e roubaria qualquer homem de quem Vera gostasse, ou pelo menos distrai-lo-ia a ponto de ele perder o interesse nela. Sabia-se lá porquê, mas Isabel precisava que todos os rapazes de Christ Church se andassem a babar atrás dela.

Fingindo não ter ouvido a pergunta de Isabel, Will voltou-se para Vera.

— Não gosto nada disto... porém, pode beijar-me a mão se lhe apetecer.

Vera desatou a rir. a frase era uma das suas favoritas de *Alice no País das Maravilhas*. Depois o seu sorriso desapareceu. No livro o Gato de Cheshire declinava o convite do rei, mas este agarrava-lhe na mão, atirava-o ao chão e, todo satisfeito, subia para cima dele.

Com um suspiro, Vera continuou a caminhar para o gabinete do professor. Desejava elaborar um trabalho que, de facto, o impressionasse naquela semana. Se possível que o intrigasse, pelo menos um pouco. Ele ensinara-lhe tanto. O seu sentido de gratidão era por vezes avassalador. Esperava que ele a convidasse a entrar e podia ser que conversassem até altas horas da noite enquanto bebiam um Porto por duas taças negras e rachadas.

Subindo a escada de caracol até ao terceiro andar, Vera ouviu ainda os gritos na praça “Não temos vinho? Merda! Leigh, Conrad, formai a retaguarda. Vamos para o pub! Tropas! Em frente! Marche!”

Os gritos e o riso dos jogadores de croquete esbatiam-se rapidamente à medida que ela se aproximava da porta do professor. Bateu ao de leve. Não obteve resposta. Devia estar ao telefone.

Voltou-se as torceu o nariz. Sentiu um cheiro estranho.

— Doutor Rutherford? — chamou timidamente. — Doutor Rutherford?

Mais uma vez, não houve resposta. Vera sabia que ele nunca fingiria não a ouvir... nem mesmo que estivesse profundamente concentrado no seu novo livro. Era demasiado bondoso. Teria ido para casa? Talvez... mas ele nunca se esquecia de fechar a luz quando saía.

A porta não estava fechada. Ela entrou cautelosamente na sala e dirigiu-se à secretária. Por uns instantes a vista obscureceu-se-lhe e tornou-se cinzenta como se estivesse envolvida em fumo proveniente de

gelo seco — do tipo que se utilizava nas representações de Macbeth. Desorientada, abanou a cabeça e pestanejou.

Por fim a sua visão tornou-se nítida. E de novo viu o Doutor Rutherford deitado para cima da secretária. Na nuca, o cabelo branco e despenhado estava coberto com bocados de uma substância acastanhada e essa mesma substância tinha feito uma poça no chão e salpicado a parede oposta. Ao aperceber-se que se tratava de sangue, Vera soltou um grito.

4

Ai de mim, sou um sábio, como haveria de ter ouro?

— Ramus, em *O Massacre de Paris* de Marlowe

SOUTHWORK — CREPÚSCULO, MAIO 1593

Depois de abrir caminho por entre a multidão ruidosa e agitada da margem sul do Tamisa, Marlowe fez uma pausa na ponte de Londres. Mais de uma dúzia de cabeças cortadas e espetadas em paus enfeitavam o arco. Reconhecia os rostos pois havia meses, talvez um ano que os via ali. Estavam bem preservados cozidos em água salgada.

— Boa noite, cavalheiros — disse com uma ligeira vénia. — Há alguém para um jogo de dados?

Uma jovem prostituta com os seios descobertos puxou a manga de Marlow. Ele soltou-lhe os dedos sujos, depois franziu a testa ao reparar numa pequena gota escarlate sobre o ombro nu da rapariga. Afastou-lhe o cabelo do pescoço em busca de uma ferida, mas nada encontrou.

Tomando o gesto dele pelo escrutínio de um possível cliente, ela fechou os olhos e esticou os lábios desajeitadamente.

Marlowe tocou na gota e levou o dedo ao nariz.

— Os teus lábios cheiram a cobre — disse-lhe ela, com a voz abafada pelos gritos dos vendedores, peixeiros e dois miúdos que insultavam um par estrangeiro.

— Estou impressionado com os teus conhecimentos.

— O meu pai era ferreiro — declarou ela, abrindo os olhos. — O que é isso?

— Sangue — mostrou-lhe a mancha cor de rubi que tinha na ponta do dedo. — Não te preocupes — acrescentou com um sorriso. — Não é teu. Ou um anjo do céu fez uma ferida num joelho ou o decorador da cidade voltou ao trabalho.

Ela seguiu os olhos dele até ao cimo do arco da ponte. Uma cabeça acabada de cortar estava a ser colocada lá no alto.

— Pobre homem — disse ela, parecendo genuinamente triste. — Vou rezar por ele.

Marlowe apercebeu-se de que ela deveria ser nova na cidade. A maioria dos habitantes era imune àquela visão sinistra. Quando se afastou perguntou a si próprio quando tempo levariam as ruas de Londres a acabar com a sua capacidade de compaixão.

Afastando a mão furtiva de um carteirista, voltou o olhar para a nova cabeça, a única que ainda tinha olhos. Alguns traidores condenados pareciam meramente decapitados. Na maior parte das vezes os seus rostos eram calmos, resignados. Outros, pensou Marlowe, não tinham tanta sorte. Aquele fora provavelmente castrado vivo antes do machado lhe ter cortado o pescoço. Tinha as feições distorcidas de angústia, enchendo o ar de gritos silenciosos.

— Escondeste um padre por baixo do chão, amigo? — perguntou em surdina. — Pareces esperto demais para ter conspirado contra a rainha. Alguém esbarrou nele e uma voz grave praguejou. Marlowe olhou para o aguadeiro que passava com um barril às costas. — Mas onde estarás agora?

Passando por baixo do arco, entrou na ponte de Londres. De ambos os lados viam-se as casas adornadas de madeira, propriedade de ricos mercadores com lojas elegantes no rés-do-chão, ao nível da ponte e moradias nos andares superiores. Embora o sol ainda não se tivesse posto, a escuridão invadia já a estreita passagem muito pisada. Os andares superiores de cada casa eram salientes e quase se juntavam lá em cima e a roupa estendida nas cordas entre eles escondia da vista praticamente todo o céu.

A meio da ponte, Marlowe desceu um lance de escadas que levava até à água e meteu-se num barco de madeira que se dirigia para oriente. Entregou três pence, disse “Palácio de Greenwich” e afundou-se numa almofada. O remador fez deslizar o barco sobre a camada de lodo castanho na superfície do rio. Com os cotovelos descansando na borda, Marlowe via os espigões dos campanários das igrejas de Londres encolherem ao longe.

À medida que deixavam para trás a cidade suja e infestada pela peste, os edifícios altos que enchiam a margem eram substituídos por pontões espalhados, árvores e campos. Uma nova missão, reflectiu. O mundo tornar-se-ia de novo o seu teatro secreto — um palco sobre o qual o drama era real, o perigo palpável, e a cena final estava por escrever.

Acto I. Cena I. Entra Marlowe.

Em Greenwich a breve figura de Thomas Phelippes estava à sua espera à beira do ancoradouro, olhando-o por trás de pequenos óculos de aros de metal. Tinha o cabelo louro escuro puxado para trás das orelhas e a barba fina não conseguia esconder as profundas marcas da varíola que lhe cobriam o rosto.

O remador olhou para Phelippes e depois para a sentinela que se encontrava na costa. Ambos acenaram afirmativamente. Depois daquela autorização, Marlowe desembarcou e seguiu Phelippes até ao palácio. A corte itinerante da rainha encontrava-se aí e o elegante edifício com ameias fervilhava de música, risos e ruidosas conversas. Depois de ter passado por outra sentinela, foram seguidos por algum tempo pela guarda a cavalo enquanto se dirigiam para os recintos bem tratados, deixando para trás os ruídos dos divertimentos nocturnos da corte.

Marlowe seguiu Phelippes silenciosamente. Havia muito que sabia que aquele homem baixo não gostava de conversas sem sentido. Tinha-se conhecido em 1585, quando Marlowe era ainda um estudante de Cambridge e escrevia *Tamburlaine o Grande*, a peça com um êxito extraordinário que encantara a cena teatral de Londres dois anos depois. Nesse Inverno Phelippes tinha-se aproximado dele, perguntando-lhe se já ouvira falar de *sir Francis Walsingham*, secretário de estado. Marlowe acenara afirmativamente. A universidade estava cheia de temerosos boatos sobre o infame espião, um homem cujas maquinações inteligentes haviam salvo a rainha de várias tentativas de assassinato.

Apresentando-se como delegado de Walsingham, Phelippes informou Marlowe de que poderia ganhar bastante dinheiro se estivesse disposto a executar trabalhos de espionagem para o recém-criado serviço secreto de Walsingham. Estaria interessado? *Claro que sim.*

Explicou-lhe que os inimigos católicos de Inglaterra tinham uma presença invisível em Cambridge. Uma ameaça, acrescentou em tom sibilar. Havia um padre disfarçado de rico aluno protestante, que recrutava colegas para desertarem para o seminário católico do outro lado do Canal da Mancha, em Rheims, França. E era em Rheims, o quartel-general dos católicos ingleses exilados, que o duque de Guise preparava uma conspiração para assassinar Isabel de modo a conseguir que a sobrinha, Maria, rainha da Escócia subisse ao trono de Inglaterra. Já havia espiões ingleses colocados no seminário de Rheims tentando reunir os pormenores da estratégia do duque. Walsingham queria que um estudante se infiltrasse e expusesse a rede dos católicos dissimulados em Cambridge. Conseguiria Marlowe fazê-lo?

Marlowe sabia que não só o podia fazer, como seria muito fácil para ele. Tendo crescido em Cantuária, actuara em várias peças em King's

School, mas aquela tarefa necessitaria de algumas técnicas que desenvolvera no palco. Para representar o papel de um descontente rebelde, um simpatizante católico num ambiente em que se usava desafiar o governo repressivo — era como se Phelippes lhe estivesse a oferecer dinheiro para usar os seus próprios sapatos.

Acenando com ar pensativo, Marlowe disse que era uma perspectiva emocionante excepto num pequeno pormenor: “A minha verdadeira completa e infatigável devoção para com o Santo Padre de Roma”.

Como já tinha sido avisado da tendência do seu novo recruta para ser gracioso nos momentos menos apropriados, Phelippes sorriu.

Marlowe não.

Fez-se silêncio e o rosto de Phelippes tornou-se sombrio. Nesse momento Marlowe esboçou um sorriso e estendeu a mão. Phelippes apertou-lha e assim começou a vida secreta de Marlowe como esbirro.

Claro que o dinheiro que lhe pagariam era bastante tentador, pois Marlowe, filho de um sapateiro, era um pobre estudante com uma bolsa e que pouco mais sabia fazer para além de escrever poesia. E embora tivesse confiança na sua capacidade, sabia que um espírito cheio de versos bem feitos não enchia os bolsos.

Estava também encantado com a perspectiva de se ver como um cavaleiro secreto protegendo galantemente a sua real dama. Havia anos que tinha uma ideia cínica do governo — tinha visto enforcarem vários homens inocentes, mesmo antes de aprender a escrever — mas de qualquer forma preferiu gozar o seu idealismo. Afinal de que servia a vida sem sonhos românticos, apesar da sua loucura?

O investimento de Phelippes mostrou ser sólido. Marlowe conseguiu infiltrar-se facilmente na rede universitária de católicos disfarçados, coisa que cerca de uma dezena de espões tinha sido incapaz de fazer antes dele. O seu êxito chegou rapidamente aos ouvidos de Walsingham e, para inesperado prazer de Marlowe, o velho mestre espião exigiu encontrar-se com o seu novo e promissor recruta. Na sua casa de Londres, sobranceira ao Tamisa, Walsingham elogiou Marlowe pelos excelentes serviços prestados à rainha e ao estado. Desejava continuar enquanto completava os seus estudos?

Marlowe acenara afirmativamente.

— Uma escolha sábia — disse Walsingham. — Sabeis que os livros não passam de letra morta. São as viagens e a experiência, investigando a traição dos homens aqui e no estrangeiro que lhes darão vida a eles, e a vós verdadeiros conhecimentos.

— Tal como o bom teatro — replicou Marlowe. — Comecei a minha segunda obra.

— Oh, sim, um poeta de Bankside... — recordou Walsingham, servindo a ambos uma caneca de bom vinho da Madeira. — Pode vir a ser útil.

Deliciado, Marlowe sorveu a bebida a pequenos goles. Não era todos os dias que se sentia lisonjeado e encorajado por um dos homens mais poderosos de Inglaterra.

— Passar a vida a desenterrar segredos escondidos é uma nobre empresa — terminou Walsingham. — Um investigador será sempre um homem poderoso.

Inspirado por aquelas palavras, o compromisso de Marlowe para com o serviço de espionagem aprofundou-se e quase lhe custou o final dos seus estudos. A sua posição de católico fingido era de tal forma convincente que a administração da universidade, suspeitando que Marlowe fosse um traidor preparava-se para o expulsar. Contudo, o Conselho Privado interveio rapidamente e ele saiu de Cambridge em 1587 com o seu diploma de licenciado e também com o seu *Tamburlaine* já terminado.

Phelippes deteve-se junto de uns bancos suficientemente distantes do palácio para evitar transeuntes embriagados e os casais em busca de um local para um alegre encontro amoroso. Quando se sentou, Marlowe apercebeu-se de que estavam apenas a uns passos do chamado Carvalho da Rainha, a árvore com uma enorme cavidade, que se dizia ter sido o esconderijo da rainha Isabel em criança.

— Tratei de tudo para que hoje pudésseis pernoitar numa estalagem perto do rio — disse Phelippes. — E para começar... — meteu a mão numa bolsa de couro e retirou de lá várias moedas.

Marlowe guardou a avultada maquia que sabia já não vir de Francis Walsingham. Este morrera havia três anos e a rainha mantivera em aberto a posição de secretário de estado, que era o equivalente a possuir as chaves do reino. A inteligente monarca de Inglaterra considerava uma estratégia eficaz incentivar a competição entre os seus cortesãos e adorava fazê-lo. Dois arqui-rivais competiam ferozmente pelo ambicionado título e, como tal a parcimoniosa rainha tinha espionagem de primeira ordem de duas redes competidoras com pouco investimento financeiro da sua parte.

Um desses cortesãos — o novo patrão de Phelippes — era Robert Devereux, o belo e fantasticamente popular Conde de Essex, um homem tão amado pelos homens do povo como pelas damas da corte. De cada vez que Marlowe via Essex entrar no Rose, o teatro vinha abaixo com a ovação. Dizia-se que a rainha Isabel se sentia igualmente atraída por ele. Com vinte sete anos, tinha menos trinta do que ela, mas a rainha conferira-lhe aposentos junto aos seus no Palácio de Greenwich e toda a gente

sabia o que *aquilo* significava. Essex entrara muito recentemente para o jogo da espionagem, depois de aprender que oferecendo à rainha informações secretas valiosas conseguiria da melhor maneira manter o seu favor, talvez até melhor do que se lhe aquecesse a cama, feito que Marlowe tinha a certeza de que o amoroso conde desempenhava admiravelmente. Toda a cidade falava da colecção das explorações sexuais do jovem nobre. Parecia ser muito generoso — e hábil — com as suas afeições.

O rival de Essex para a posição de secretário de estado era *sir* Robert Cecil, filho do mais fiel conselheiro da rainha. Cecil era um corcunda baixo, de ar severo com anos de experiência no trabalho da espionagem, exactamente o oposto de Essex. Enquanto Essex era impetuoso e falador, Cecil era arguto paciente e calado. Essex era emocional e muitas vezes afectuoso enquanto Cecil era quase indelicado. Marlowe havia trabalhado para os dois lados desde a morte de Walsingham, aceitando trabalhos de ambas as redes. Sabia que era perigoso, mas outros espões também o faziam e, mais importante ainda, era irresistível poder ficar na fila da frente da desagradável rivalidade dos cortesãos.

— Pois bem Tom... o que tendes para mim desta vez? — perguntou Marlowe sabendo que Phelippes detestava que os seus subordinados o tratassem pelo nome próprio.

Cerrando os lábios, Phelippes conteve uma reprimenda.

Meu Deus, ainda precisas de mim.

— Surgiu um assunto delicado e pensei que seria particularmente apropriado para vós. Tem-se falado muito ultimamente numa nova publicação vossa....

Marlowe tomou um ar de cândida inocência.

— Não tenho ideia do que falais.

— Certamente que tendes. Esse livro vil e obsceno — exclamou Phelippes com desagrado. Marlowe traduzira uma colectânea de elegias eróticas do poeta romano Ovídio. Como esse tipo de erotismo tinha sido proibido em Inglaterra, ele mandara imprimir os poemas nos Países Baixos numa tipografia secreta.

— Eu podia denunciar-vos às devidas autoridades... — continuou Phelippes.

— Se pudésseis provar que fui eu.

— ... mas como é obvio que essa coisa nojenta entrou ilegalmente no país, ocorre-me que podeis ter uma desagradável espécie de ligações que nos podem ajudar com um assunto da maior importância.

— E se eu me decidir a ajudar-vos?

— Se tiverdes êxito pagar-vos-ei mais do que nunca. Pelo menos duas vezes mais do que recebeis pelas vossas tolas peças de teatro.

Marlowe ergueu as sobrancelhas. Phelippes falava de uma quantia superior a vinte libras.

— E então as minhas desagradáveis ligações. Como posso ter a certeza de que não vos ides servir de mim para as perseguir?

— Este assunto é de muito maior importância do que apanhar um grupo de contrabandistas de livros.

— Mesmo assim...

— Não estou interessado em mandar prender os vossos amigos ilegais. Podem-me ser úteis nesta e noutras futuras tarefas. Dou-vos a minha palavra. Mais uma vez a vossa recompensa será considerável. Posso contar convosco?

— Sim.

Por enquanto.

Aproximando-se mais, Phelippes disse em voz baixa:

— Haveis ouvido falar da Companhia Muscovy?

— Muito pouco — mentiu Marlowe.

— O nome foi-lhe atribuído devido ao comércio com a Rússia, foi fundada há quarenta anos por um grupo de ricos mercadores e cortesãos reais, dispostos a encontrar uma rota para o oriente pelo noroeste, uma rota marítima que ninguém na Europa tivesse ainda descoberto e que pudesse ser dominada e controlada pelos ingleses. Uma rota que nos desse acesso directo às riquezas do oriente, livres das ameaças dos piratas berberes do Mar Mediterrâneo.

Por instantes, Phelippes brincou com a sua barba rala.

— Como é óbvio, os mercadores da Muscovy não foram bem sucedidos nas suas buscas, mas estabeleceram uma lucrativa relação com o czar, trocando mercadorias inglesas por peles, cordas e óleo da Rússia. E por uma parte dos lucros, o czar permitiu-lhes que viajassem muitas vezes de Moscovo até à Pérsia por terra, junto ao Volga até Astracã, pelo Cáspio e até Bukhara, para trocarem lã inglesa por pedras preciosas, sedas e especiarias. Então, há vinte anos as conquistas turcas tornaram essas rotas impossíveis e essas mercadorias exóticas deixaram, a partir daí, de passar pelas mãos da Companhia Muscovy.

Phelippes fez uma nova pausa para olhar em seu redor e depois acrescentou em voz baixa:

— Mas, pouco tempo depois, em duas ocasiões, apareceram na Bolsa de Londres pedras preciosas do Extremo Oriente depois de um navio da Muscovy ter aportado a jusante em Depford. Rubis, diamantes, pérolas... que não aparecem nos livros da companhia e os accionistas, entre os quais a nossa rainha, não viram quaisquer lucros.

— Fazer comércio sob a protecção da bandeira da rainha, rouban-

do ao mesmo tempo debaixo do nariz dela... é preciso ter coragem! Suponho que a antiga rota comercial da Muscovy de Moscovo até à Pérsia esteja já aberta. Essa estrada terrestre de que me haveis falado.

Phelippes abanou a cabeça.

— Não. Continua bloqueada pelos turcos.

Então como teriam os mercadores da Muscovy tido acesso às pedras preciosas? Não teria sido mais provável que os corsários as tivessem roubado aos navios portugueses, não informando depois os oficiais alfandegários? Ou que a responsável fosse a Companhia Inglesa do Levante, com o seu monopólio comercial ao longo das costas orientais do Mediterrâneo?

Marlowe notou um brilho invulgar no olhar de Phelippes. O homem discutia sempre com entusiasmo os assuntos de espionagem, mas, naquele momento a sua expressão estava verdadeiramente inflamada. O que poderia ele ser... ah!

— Suspeitais que alguns mercadores da Muscovy tenham finalmente descoberto a Passagem Nordeste e que a mantenham secreta para fazerem comércio desonesto?

— É uma das várias possibilidades e vale a pena investigá-la como podeis imaginar.

Marlowe podia imaginar. Uma tal descoberta teria consequências importantíssimas para Inglaterra em termos de prestígio internacional e financeiro. Os espanhóis e os portugueses tinham tido muito mais êxito na sua exploração e colonização do Novo Mundo e o orgulho de Inglaterra estava ferido. Mas Marlowe sabia que a preocupação mais importante de Phelippes não era o bem do seu país.

— Essex é accionista?

— Sim.

— Então ele lucraria imensamente se este contrabando fosse denunciado.

— De facto — respondeu calmamente Phelippes.

— E se ele fosse o responsável por denunciar os contrabandistas e avisar a rainha da existência de uma rota marítima secreta para o Oriente...

Phelippes sorriu como velha raposa que era.

Percebo. Se as suspeitas de Phelippes fossem verdadeiras e a missão bem sucedida, o poder de Essex na corte tornar-se-ia infinitamente maior; talvez a posição de secretário de estado fosse finalmente sua. E Phelippes, claro, estaria imediatamente a seu lado.

— O vosso informador na Bolsa viu quem vendeu a mercadoria? — perguntou Marlowe.

— Um representante de uma desconhecida companhia comercial holandesa. Legerdemain, suponho eu. Um escudo muito bem criado para esconder a verdadeira fonte, que espero possais descobrir.

Marlowe acenou afirmativamente.

— Agora, Kit — discrição.

— Claro.

Phelippes pôs-se de pé.

— Em breve espero ter notícias vossas.

— E tereis — respondeu Marlowe baixando-se mais no banco. — Dir-vos-ei aquilo que achar conveniente dizer-vos — terminou enquanto via o homenzinho esgueirar-se por entre as árvores.

5

NOVA IORQUE — 18.30, NA ACTUALIDADE

A casa cinzenta situada em East Seventies tinha uma estreita fachada de pedra e um telhado com empenas escuras. O exterior era antiquado e tranquilo. A maioria das pessoas não acreditaria que os vidros de todas as janelas fossem percorridos por sinais electrónicos que impediam que as vibrações estimuladas pela voz fossem captadas por microfones direccionais.

Kate entrou no vestíbulo e dirigiu-se aos elevadores que ficavam ao fundo à esquerda. O porteiro pesado e tímido ergueu os olhos e acenou-lhe rapidamente, continuando a ler um livro que, como sempre não tinha capa.

— *Corações Incendiados? O Abraço do Cavaleiro?* Qual destes arranjou desta vez?

Ele corou.

— Não é capaz de permitir um pouco de privacidade a um velho, pois não? — conseguia esconder o seu vício em histórias românticas de toda a gente excepto de Kate.

— Tem de me pagar, Jerry, ou todo o prédio vai saber que há uns fulanos musculosos e sem camisa nessas capas que você costuma arranjar.

Nas paredes interiores do primeiro elevador havia dois retratos com molduras metálicas de um casal vitoriano que antigamente vivia no prédio. O gabinete de Kate ficava no quinto andar, mas naquele momento não era para lá que se dirigia. O patrão enviara-lhe uma mensagem. Havia uma reunião.

Carregou no botão para o segundo andar e o elevador começou a subir. Depois, enquanto olhava para os olhos da mulher vitoriana, Kate carregou no botão escondido na moldura dourada. Do olho direito da senhora saiu um raio laser para analisar o padrão distinto dos vasos san-

guíneos da retina de Kate enquanto uma câmara de circuito fechado por detrás do olho esquerdo da mulher lhe examinava o rosto, comparando-o com um pequeno conjunto de imagens armazenadas. O botão em que Kate carregava inspeccionava e transmitia a sua impressão digital para a base de dados do sistema de segurança. Instantes depois, o elevador deteve-se, mas a porta manteve-se fechada. A parede espelhada do elevador abriu-se revelando um estreito corredor.

A parede traseira da sede do Grupo Slade era falsa e escondia em cada um dos cinco andares seis metros de profundidade que não eram revelados na planta. Como o edifício estava cercado por outros três, a inconsistência especial era impossível de detectar a nível da rua. Jeremy Slade, o patrão de Kate, usava aquele enclave escondido como centro de comando para as operações secretas que organizava para o governo.

Ao passar pela pequena cozinha a caminho da sala de reuniões, ouviu um silvo denunciador e olhando lá para dentro, avistou Slade junto à máquina de *cappuccino* fazendo espumar o leite. Era um mestre nessa particular arte culinária. De facto era tão bom que Kate pusera a circular um memorando confidencial interno recomendando a sua despromoção imediata de chefe dos agentes secretos para barman do escritório.

Os olhos profundos de Slade estavam fixos na sua tarefa e ocultos pela sombra. Tinha quarenta e tal anos, cerca de um metro e oitenta de altura, cabelos e olhos castanhos que pareciam negros sob as suas sobrancelhas proeminentes. Os genes de uma avó indiana e dez anos de sol do Médio Oriente tinham-lhe conferido uma pele escura e curtida. Possuía uma excepcional forma física; apenas os pronunciados pés de galinha denunciavam a sua idade.

Slade passara doze anos como agente de cobertura da CIA recolhendo informações secretas e planeando missões em locais perigosos e muitas vezes assolados pela guerra, mas apenas recentemente se atrevera a entrar numa cozinha. Desde aí ficara obcecado com a comida especial com que deliciava os seus empregados porque tudo aquilo que Slade se decidia a fazer fazia-o com perfeição. Licenciara-se em Clássicas em Princeton e subira à posição de subdirector de operações — a posição mais elevada no serviço clandestino da Agência — antes da sua partida. Elegantemente vestido, mesmo quando estava à vontade, tinha uma descontração bem-humorada que era substituída por uma fria eficiência sempre que o momento o requeria. Para Kate, a visão de um espião clássico e cavalheiro, de avental e a cozinhar era impagável.

Conhecera-o três anos antes quando o pai dela os tinha apresentado com alguma relutância. Ela estava no segundo ano do seu doutoramento, e o noivo, seu colega acabava de falecer tragicamente durante

uma excursão aos Himalaias. Uma noite, quando estava sentado junto da fogueira do acampamento fora morto por um ataque à granada de militantes paquistaneses. Os dois turistas alemães que estavam sentados com ele também tinham morrido. Kate, arrasada, afundara-se numa depressão que durara vários meses. Porém, lentamente, reconheceu que apenas parte da sua vida terminara, a que dizia respeito ao homem que amava e às perspectivas de casamento e de um dia formar uma família.

Disse ao pai, um senador americano que servia na Comissão Especial de Informações do Senado que ia candidatar-se ao Directório de Operações da CIA. Não se tratava de um desejo de vingança — queria simplesmente passar a vida a evitar que a existência das outras pessoas fosse igual à sua. Embora o pai compreendesse, envidou todos os esforços para a fazer desistir. Depois de ter perdido a mãe de Kate uns anos antes, não podia suportar a ideia de que alguma coisa poderia acontecer à sua única filha. Mas a decisão dela estava tomada e o Senador Morgan acabou por ceder, combinando um encontro com Slade em Nova Iorque. Pensou que, já que Kate estava decidida a trocar o mundo académico pelo trabalho de campo nos serviços de inteligência, melhor seria que o fizesse com um homem que ele conhecia e em quem confiava, do que se metesse com uma enorme burocracia onde se cometiam erros e havia inevitáveis fugas de informação.

Slade saíra da CIA porque se cansara de ser uma marioneta dos políticos, cujos motivos considerava muitas vezes questionáveis. Porém, a sua recente mudança para o sector privado era uma fachada. Slade continuava a depender do presidente da comunidade de informações dos Estados Unidos e do director da CIA e a pequena e secreta equipa de operacionais que comandava, agia exclusivamente sob as suas ordens. Era uma combinação mutuamente benéfica; o DCI tinha uma maneira de ultrapassar as dificuldades inerentes às aprovações legalmente necessárias para lançar certas acções de cobertura e Slade podia centrar-se em salvar vidas, livre de pressões políticas.

Quando Kate entrou pela primeira vez no gabinete de Slade ficou abismada. Quando era pequena adorava os romances de espionagem, cheios de personagens tenebrosas de fato escuro e elegantes espiões do género James Bond que a cultura pop continuamente recicla. Mas Slade era verdadeiro. Um herói de carne e osso. Alguém que ela muitas vezes imaginara mas nunca tivera possibilidade de conhecer.

Entenderam-se imediatamente. Depois de duas horas de entrevista e de conversa sobre o passado dela, Slade ofereceu-lhe o emprego de investigadora privada, explicando-lhe que a sua nova empresa estava a abrir agências em várias cidades principais por todo o mundo. Já ti-

nham dez investigadores na agência de Nova Iorque, disse ele, a maioria dos quais tinha vindo de carreiras no jornalismo ou eram pessoas que haviam trabalhado no cumprimento da lei. Ela poderia trabalhar juntamente com um deles num caso que já estava a decorrer. Slade acrescentou que também a começaria a treinar para os serviços secretos e a seu tempo, dependendo dos seus progressos, entregar-lhe-iam a sua primeira missão para o governo. Disse que as credenciais de Kate eram tão boas se não melhores do que as de qualquer outro estagiário da CIA e que também tinha um pressentimento muito positivo acerca dela, o que para ele era muito importante.

Kate aceitou imediatamente, grata porque Slade lhe estava a dar um pretexto para se levantar todas as manhãs e para se manter tão ocupada a ponto de não ter tempo de se sentir triste. O gabinete do Grupo Slade podia não existir oficialmente, mas desde que Kate entrara por aquela porta, tinha-se tornado na sua casa.

Seguindo pelo estreito corredor, entrou na sala de reuniões do segundo andar. Tirando o equipamento informático, o local parecia mais uma biblioteca do que um típico centro operacional. As paredes estavam forradas com estantes feitas à mão e embutidas e, por trás delas, duas escadas de caracol de ferro forjado, levavam ao andar de cima. Um antigo tapete turco cobria o chão e vários sofás e maples de cabedal cor de chocolate estavam colocados perto das paredes.

A uma mesa circular no centro da sala, Max Lewis, o principal guru informático de Slade estava inclinado sobre um portátil. Destacava-se das cores discretas da sala pois vestia uma T-shirt vermelho vivo, usava pequenas argolas de ouro nas orelhas e as suas curtas trancinhas tinham sido atrevidamente descoloradas num tom de louro, cor que Kate considerou fazer um óptimo contraste com o tom cor de mogno da sua pele.

Max viera para o Grupo Slade mais ou menos ao mesmo tempo do que Kate. Quando estava a terminar os seus estudos na Universidade de Nova Iorque, decidira candidatar-se àquele emprego de uma maneira pouco ortodoxa. Depois de aceder aos site mais seguro da CIA, copiou uma dezena de ficheiros e enviou-os em *attach*, directamente para o endereço interno de e-mail do DCI, juntamente com o seu currículo. Impressionado com a coragem dele, bem como com as suas capacidades, o director falou nele a Slade nesse mesmo dia.

— Então que tal correram as coisas com Bill Mazur? — perguntou ele a Kate. — Percebeste se ele andava atrás do tal livro velho?

— Sim, andava. Mais uma vez obrigada pelas informações.

Max acenou afirmativamente.

— Parece que alguém contratou Mazur enviando-lhe o trabalho

por email, com o nome de Dragão de Jade — disse Kate procurando na mala o endereço correcto. — Podes ver se isto leva a algum lado? E podes aumentar estas um pouco? — acrescentou entregando-lhe as fotografias da cena do crime que Medina lhe entregara.

— Claro — Max meteu-as no bolso da camisa. — Quanto a esse Medina. A Gemma diz que ele é um borracho — disse referindo-se à recepcionista da agência de Londres. — Diz que ele é muito *sexy* e anda metido com um desses espargos de passarela.

Kate sorriu. Mike gostava de mulheres baixas e gorduchas. Já o apanhara mais do que uma ocasião a navegar em sites pornográficos da Internet à procura de artistas de tamanho XL.

— Então? — perguntou ele. — Já o viste... o que pensas?

— Não estava a pensar. Só rezei para não tropeçar enquanto ele me via atravessar a sala.

Max soltou uma gargalhada.

— Ia visitar uma antiquária especializada em livros que conheço para me ajudar a autenticar o manuscrito, mas recebi uma mensagem do Slade. Que se passa? — perguntou Kate, sentando-se ao lado dele.

— Telefonou a directora Cruz. O trabalho diz respeito ao mundo da arte.

A DCI Alexis Cruz passava os trabalhos a Slade se estes fossem extremamente urgentes e de grande confidencialidade ou quando ele tinha alguém mais adequado do que ela para um determinado assunto, como era agora o caso.

— Não é nada de grave — explicou Max. — apenas uma ameaça de baixo nível para tratares na Europa — agarrando nas costas da cadeira de Kate, puxou-a mais para junto da sua. — É tempo de conheceres um novo amigo.

Começou a passar um vídeo clip no ecrã do seu computador. Dois homens de meia-idade jantavam juntos. Um era do Médio-Oriente, o outro caucasiano.

— Talvez já tenha visto o tipo da esquerda — disse Kate observando as feições familiares do delgado persa. Cabelo escuro, já ralo, um rosto de ossatura perfeita e bem barbeado e olhos castanhos e bem separados.

— Trata-se de Hamid Azadi. Um fulano muito importante no VE-VAK — disse Max, referindo-se ao Ministério dos Serviços Secretos e da Segurança do Irão, o Vezarat-e Ettela'at va Amniat-e Keshvar. — Pensa-se que seja o chefe da contra-espionagem deles.

— Filmagem da Agência? — perguntou Kate, apontando para o vídeo.

— Sim. Foi filmado no Dubai há duas semanas. Porém não tem som.

Havia muito barulho no restaurante e estavam muito longe da janela.

— E o outro fulano?

— Luca de Tolomei. Negociante de arte e multimilionário. Já ouvieste falar dele?

— Sim — disse Kate, olhando para o perfil de De Tolomei, um nariz comprido, um queixo afilado, cabelo grisalho à altura do ombro. — Correm boatos de que de vez em quando negoceia no mercado negro.

— Certo. Mas tanto quanto sabemos foi considerado inofensivo.

— Até que...

— Esta tarde, quando uma transferência de onze milhões de dólares de De Tolomei foi localizada na conta de Azadi no Lichtenstein, dispararam os alarmes na Agência.

— Onze milhões — repetiu Kate.

— Eu próprio dei uma olhadela ao itinerário do dinheiro — disse Max. Nunca tinha visto dinheiro branqueado tantas vezes. A massa deu a volta às ilhas como um navio de cruzeiro. Chipre, Antiqua, Ilha de Man...

— Então a questão é o que foi exactamente que De Tolomei comprou a Azadi e porquê?

— Bingo! Se Azadi queria levar alguma coisa desagradável aos terroristas, um fulano como De Tolomei seria um óptimo portador. Um negociante de arte católico e rico? Seria perfeito.

— Mas o Irão dá armas ao Hezbollah e ao Hamas a toda a hora, juntamente com centenas de milhões de dólares por ano. Não se cobra a essa gente.

— A menos que seja uma coisa desonesta e Azadi lhes ande a fazer negócio para si próprio, vendendo a um grupo que o Irão não patrocine. Podia facilmente ter armazenado gás de nervos. Afinal, que funcionário do governo não gostaria de um dinheirinho a mais?

— Talvez, mas parece-me difícil imaginar o mau da Sotheby's de conluio com os terroristas — disse Kate. — Palpita-me que De Tolomei anda a vender antiguidades persas no mercado negro. Esses negócios chegam a dezenas de milhões. Já alguém esteve quase preparado para dar mais de quarenta pela primeira múmia persa encontrada.

— Quase?

— Era falsa. Os persas não utilizavam a mumificação dos corpos. Talvez Azadi esteja ligado com um grupo de contrabando de antiguidades... ou, melhor ainda, de contrafacção. Sabes, para aldrabar os colecionadores do Grande Satã.

— Pode ser — disse Slade entrando na sala de reuniões. — Mas temos de ter a certeza.

Colocou um tabuleiro com *cappuccinos* sobre a mesa. De cada chávena sobressaía uma pequena montanha de espuma batida na perfeição e polvilhada com canela. Kate pegou numa e sorveu um gole.

Slade ergueu uma sobrancelha.

Ela levou a mão ao estômago por um momento, fingindo sentir-se enjoada, mas depois sorriu.

— Chefe, excedeste-te a ti próprio.

Ele sentou-se esboçando um sorrindo que lhe formava covinhas no rosto.

Kate voltou ao computador de Max.

— O que temos sobre De Tolomei, além da sua amizade com Azadi?

— O que te leva a pensar assim? — perguntou Slade. — Eles nunca foram vistos juntos.

Kate chegou-se ao teclado de Max, carregou numa tecla e fez surgir de novo a cena do jantar. Logo a seguir apontou para o primeiro movimento denunciador.

— Aqui mesmo — disse. — De Tolomei empurra o cinzeiro para Azadi antes deste pegar nos cigarros — fez uma curta pausa enquanto o vídeo continuava. — E vê... De Tolomei deixa de comer, olha em redor e Azadi pede qualquer coisa ao empregado antes de De Tolomei dizer seja o que for — nova pausa. — Estás a ver? O empregado acabou de trazer a pimenta. Azadi não pediu sal, sabia o que De Tolomei queria. Conhecem demasiado bem os hábitos um do outro para poderem ser desconhecidos.

Slade voltou-se para Max.

— Diz-lhe o que encontraste há uma hora atrás.

— Não é grande coisa — disse Max, enquanto algumas imagens de De Tolomei passavam no ecrã do computador. O avanço é menor do que o habitual porque... bom, ele é como uma múmia persa. Falso. Fiz umas investigações e um tal Luca de Tolomei morreu há duas décadas num manicómio privado. Os pais nunca admitiram que ele lá estava, fingiam que ele estava fora do país, e agora também já morreram os dois. Parece-me que o nosso homem assumiu essa identidade mais ou menos em 1991. Boa escolha para uma lenda — acrescentou Max, olhando para Kate.

Ela acenou afirmativamente. As melhores identidades falsas ou lendas, eram tomadas de pessoas verdadeiras que tinham morrido calmamente ou desaparecido de casa, quase sem deixar rasto.

Max continuou.

— O tipo tem um *palazzo* em Roma e um castelo medieval restaurado em Capri.

— Estás a gozar — disse Kate estupefacta. — Um vilão a viver em Capri? E falam vocês de clichés.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Max.

Slade clareou a garganta.

Kate reconheceu o som. Significava que o patrão estava prestes a sacar alguma coisa do seu arsenal clássico.

— Tácito — disse Slade, referindo-se ao historiador romano do século segundo — descreveu Capri como o local em que o imperador Tibério passava o tempo em orgias secretas ou com pensamentos ociosos e maldosos. Diz-se que grupos de raparigas e rapazes, adeptos de práticas pouco naturais, eram escolhidos em todo o império para as representarem diante dele em vales e grutas.

— Como o Hefáisto — disse Max — estou impressionado.

— Também molestava crianças. Obrigava-as a tentar... bom... o fe-lácio.

Max franziu o nariz.

— Isso é que é uma bela merda.

— Atirava os traidores de um rochedo e se não se esmagavam lá em baixo abria-os com os ganchos de prender os barcos.

— Não há dúvida que tenho de reorganizar as coisas — disse Max pensativo. — Esse fica em... quarto lugar.

Elaborava uma lista das piores mortes possíveis. Kate sabia que a primeira não era alterada havia muitos meses. Um domingo, antes do almoço, ao tomarem um Bloody Mary, ela contara-lhe como no reinado da rainha em honra da qual fora dado o nome à bebida e que governara antes de Isabel I, os “hereges” protestantes eram queimados no tronco, por vezes tão lentamente, (os carrascos inexperientes usavam lenha verde em vez de lenha seca) que uma mulher deu à luz e viu o seu bebé morrer nas chamas antes de ela própria morrer também.

— Nos últimos séculos — terminou Slade — a bela ilha continuou célebre por comportamentos que fariam corar os habitantes de Sodoma e Gomorra.

— Portanto — disse Kate, voltando ao assunto. — Temos um milionário a comprar contrabando a uma das pessoas mais conflituosas do mundo e nós não temos ideia de quem ele realmente é.

— Nem uma pista — replicou Slade. — E isso tem de mudar. O Max vai fazer a sua magia habitual, claro, procurando entre os associados de De Tolomei e de qualquer forma, contigo na Europa...

— E a nossa gente em Roma? — interrompeu Kate. — Podiam entrar no *palazzo*, plantar lá uns microfones...

— Kate, um bilionário que anda em companhia de pessoas como

Azadi deve ter a melhor segurança do planeta — respondeu Slade. — Arrombamentos desses levam semanas de vigilância e planeamento. Quem sabe se teremos assim tanto tempo. Já para não falar no facto de que tácticas que envolvem a força podem não dar resultado neste caso. É o tipo de fulano que não guarda todos os seus segredos em caixinhas de metal.

— Oh, já vejo onde isto vai parar — disse ela ironicamente.

Os olhos de Max brilharam.

— Não se usam homens de fatos pretos e óculos de visão nocturna para entrar na cabeça de um homem. Usa-se uma gaja boa de saltos altos.

Slade lançou um dos seus rápidos e luminosos sorrisos, mas rapidamente as suas feições ficaram sérias.

— Entretanto, a nossa gente em Roma vai usar microfones direccionais e fazer investigações, mas não o abordarão directamente. Bons como são poderão parecer um pouco óbvios a um homem como De Tolomei. Por outro lado, tu...

TEERÃO, IRÃO — 3:05 H.

Nesse momento, Hamid Azadi, chefe da contra-espionagem do VEVAK, estava sozinho em sua casa no bairro elegante de Gheitarieh, em Teerão, cantarolando em voz baixa na sua cadeira de secretária forrada de peliça. Era a altura preferida de Azadi durante a semana, os poucos minutos que saboreava com pura e ininterrupta satisfação. Nunca no mesmo dia, nunca à mesma hora, mas uma vez por semana, sem falta permitia-se a isso. E durante esses maravilhosos minutos, sentia-se como Sisifo descansando no cimo da sua montanha, encostado a uma pedra, gozando o sabor do malte de um Glenmorangie de trinta anos com gelo.

Azadi abriu a última gaveta da direita da sua secretária de madeira negra. Tratava-se de um arquivo cheio até dois terços da sua capacidade. Empurrou os documentos para o fundo da gaveta e fez deslizar a faca de papel na fenda onde a gaveta se unia com o fundo falso. Era um painel flexível, feito de borracha com um centímetro de espessura e erguendo o rebordo que estava mais próximo dele, Azadi meteu a mão por baixo. Do pequeno espaço escondido retirou um telefone de satélite. Um telefone que reservava unicamente para aqueles momentos de prazer.

Ligou-o e quando o código funcionou, Azadi marcou o número.

Respondeu-lhe uma voz sua conhecida e Azadi recitou os trinta dígitos que conhecia tão bem como o seu próprio nome. Era a sua pass-

word. A voz fez-lhe uma série de perguntas e Azadi forneceu as respostas adequadas que variavam segundo cada dia da semana.

— Muito bem. Então, que posso fazer por si esta noite, *monsieur*?

— Gostaria de verificar o meu saldo, por favor — disse Azadi em voz baixa.

— Treze milhões e duzentos mil dólares americanos. Mais alguma coisa?

— Hoje não.

Aquele dinheiro, depositado num discreto banco privado do Liechtenstein era o pára-quedas de Azadi para o paraíso, para uma nova vida, livre de limitações e do medo constante da sua vida actual. Algumas dezenas de anos atrás, já finalista na universidade, Azadi escolhera uma carreira no Ministério da Inteligência e Segurança do Irão porque havia poucas opções abertas para um iraniano intelectual e ambicioso. Tinha também de confessar que se sentira arrebatado pelo orgulho nacional ao ver a pátria tirar o tapete ao Xá corrupto, à sua brutal polícia secreta, e aos seus apoiantes imperialistas. Naquela altura a guerra com o Iraque estava no auge quando provou pela primeira vez o gosto de uma missão de espionagem ao tentar combater contra o canalha Saddam, teve a certeza de ter encontrado a sua verdadeira vocação.

Porém, à medida que os anos passavam acabara por odiar os *mullahs* que governavam o seu país com chicotes de aço. Tinham mostrado ser muito mais brutais do que o Xá, utilizando constantemente a tortura, uma corrente de crimes e conspirando para levar a cabo assassinatos em massa em todo o mundo. Por fim, Azadi tinha decidido partir. Afinal, não tinha outra escolha. O tempo já era pouco para ele.

A sua primeira necessidade era o dinheiro. Montes de dinheiro. Por isso, quando anos antes conhecera Luca de Tolomei e ouvira a sua proposta inicial, Azadi não precisara ser convencido. Formaram rapidamente uma relação comercial altamente rentável. A última transacção fora um verdadeiro golpe. Dera-lhes uma prosperidade tremenda e inesperada. Sabia que o objecto era valioso mas nunca calculara que De Tolomei pudesse oferecer tanto — onze milhões de dólares. Alá abençoasse aquele negociante de arte e a sua inesgotável conta bancária.

Azadi tinha por fim o suficiente para se poder movimentar e, mesmo a propósito, De Tolomei — agora um amigo de confiança — adoçara o negócio com dois bónus: vários conjuntos de documentos falsos com diferentes identidades e executados com muita habilidade, e um encontro com um cirurgião plástico, discreto e de alta qualidade, com quem poderia conseguir não só um novo rosto mas também uma nova etnia.

A deserção de Azadi teria de ser levada a cabo com toda a cautela.

A Comissão das Operações Secretas enviaria contra ele um grupo de assassinos de elite e Azadi não queria passar o resto da vida a olhar por cima do ombro e por baixo do carro.

La mudar-se para uma pequena ilha ao largo da costa da América chamada Key West, porque aí, segundo lhe haviam dito, os homens podiam beijar-se na rua sem serem chicoteados. E se lhes apetecesse, poderiam ir para casa com os amantes sem se arrisquem a ser lapidados.

MAR MEDITERRÂNEO — 1:16 DA MANHÃ

O navio era russo, chamava-se *Nadezhda* e era um dos duzentos e quarenta petroleiros que naquela noite cruzavam as águas do Mediterrâneo. Contudo o *Nadezhda* não era um petroleiro vulgar. O navio de cento e oitenta e três metros era propriedade de um membro da *mafia* russa e o petróleo era uma cobertura para camuflar o contrabando.

Durante os anos noventa o petróleo tinha sido o contrabando. Agindo em primeiro lugar no Golfo Pérsico, transportando barris de cru- de do porto iraquiano de Umm Qasr para os Emiratos Árabes Unidos, violara repetidamente o embargo imposto pelas Nações Unidas depois da invasão do Iraque ao Kuwait. Com a Força de Intercepção Marítima internacional a patrulhar o golfo para fazer cumprir o embargo, o dono do *Nadezhada* fizera o mesmo que faziam todos os contrabandistas de petróleo iraquianos inteligentes: subornar a Marinha Iraniana para conseguir documentação falsa de origem para o petróleo. Fora um negócio enormemente lucrativo, pois os navios de bandeira russa quase nunca eram mandados parar. Mas depois, nos princípios de 2000 a FIM abordou outro navio russo que fazia exactamente a mesma coisa e entregou amostras do seu petróleo a um laboratório especial onde os diversos testes bioquímicos e cromatográficos gasosa revelaram que era proveniente de um poço iraquiano. Quando a FIM decidiu confiscar não só o petróleo mas também o navio, o dono do *Nadezhda* desistiu do negócio.

Agora transportava de facto petróleo iraniano. Quase cinco mil toneladas. Mas em dois compartimentos especiais construídos no ponto mais inferior do casco — só acessível a mergulhadores — escondia-se heroína do Afeganistão e mísseis para o Hezbollah.

Depois de ter saído dez dias antes do porto iraniano de Bandar Abbas. O *Nadezhada* atravessara o Estreito de Ormuz e seguira para norte cruzando o Mar Vermelho e o Canal de Suez. Na noite anterior, esgueirara-se para o Mediterrâneo.

No convés da proa, o jovem oficial de navegação passeava, incapaz

de adormecer. Nunca na sua vida de sentira tão nervoso. Tinham sido atingidos por uma tempestade quando atravessavam o Mar Vermelho e ele vomitara até cair a última gota de chuva. Depois de terem carregado os barris de crude em Bandar Abbas, ele e outros três tripulantes tinham recebido ordens para carregar um misterioso caixote de madeira para o camarote do dono. Este dissera-lhes que o transportassem com extremo cuidado como se contivesse porcelana extremamente valiosa... ou uma bomba nuclear. Depois o dono piscara o olho. O que significaria aquele gesto? Estariam de facto a transportar uma bomba, ou o dono gostaria apenas de fazer suar os membros da tripulação, talvez para impressionar a nova namorada?

Olhando para o céu da noite rezava à espera do momento em que descarregariam o caixote ameaçador. Tinham-lhe dito que aconteceria em breve, antes de terem chegado ao destino. Haveria uma transferência no alto mar e depois poderiam descansar.

Enquanto continuava a olhar para as estrelas o oficial de navegação do *Nadezhda* não podia saber que olhava para o olho electrónico de um pássaro de quinze metros, no valor de um bilião de dólares: um satélite espião americano que voava a quase duzentos quilómetros de altura. O KH-12 pertencia à classe de satélites cujas câmaras eléctro ópticas de alta resolução, recolhiam fotografias de partes de terreno com várias centenas de quilómetros, detectando objectos de cerca de dez centímetros.

O oficial de navegação também não podia saber que o KH-12 descrevendo a sua órbita sincronizada pelo sol passaria pelo mesmo local na noite seguinte e recolheria imagens da descarga do seu misterioso caixote. Porque por mais depressa que navegasse no dia seguinte, fossem quais fossem as condições atmosféricas, a transferência que o *Nadezhda* faria no mar alto não escaparia aos perscrutadores olhos do satélite.

6

Admirado estou daqueles que mais me odeiam

— Maquiavel em O Judeu de Malta de Marlowe

LONDRES — NOITE, MAIO 1593

A barça de seis metros coberta por um dossel deslizava silenciosamente pelo Tamisa. O rio estava calmo. Londres dormia.

Mais adiante a Torre. Enorme, com muros de pedra e ameias. Completamente lisos, se não fossem as seteiras que os interrompiam. Quantos olhos perguntava a si próprio o capitão, espreitariam daquelas macabras fissuras negras. E conseguiriam ver o seu rosto? Baixou o chapéu.

Virou rapidamente à esquerda e a barça entrou num estreito canal no meio do Embarcadouro da Torre, dirigindo-se para um conjunto de portas de madeira entalhada. O temido arco conhecido em toda a parte como Porta dos Traidores.

O fedor era espantoso. O lixo e as algas que flutuavam rio abaixo acabavam por ficar dentro do fosso e apodreciam. Levando ao nariz um saquinho de cheiros, o capitão aspirou profundamente, enchendo as narinas com o forte cheiro do cravinho.

Na escuridão lamacenta por baixo da Torre de São Tomás, a barça encostou a uma estrada pavimentada paralela ao fosso. Ali à beira, encontrava-se um homem forte, de cabelo grisalho com seis enormes caixotes de madeira empilhados atrás de si. O velho acenou ao capitão da barça e este correspondeu ao cumprimento. Enquanto os dois remadores usavam os remos e a corda para prender a embarcação, os outros trabalhavam para transferir os pesados caixotes, dispondo-os numa simples fila por baixo do dossel da coberta.

Com os braços cruzados, o capitão olhava-os com ar de aprovador. Toda a operação — embora tivesse sido bem iluminada pela luz do luar

— fora oculta pela Torre de S. Tomás. Mesmo que alguém desejasse relatar a chegada e a partida daquela embarcação não seria tarefa fácil; não tinha nome e os remadores não usavam uma libré que os distinguisse.

Quando a transferência se completou, começou a inspeccionar todos os caixotes. Abriu o primeiro e espreitou e viu um canhão de três canos do tempo de Henrique VIII. *Uma beldade*. Passou o dedo pelo bronze frio e suave.

O segundo caixote continha duas peças giratórias — das que são geralmente montadas nos navios — a terceira continha pólvora e, a quarta, balas de chumbo. Finalmente nas últimas duas, os seus produtos favoritos do Armeiro Real da White Tower: pistolas de fecho de pederneira feitas de madeira de nogueira, latão e osso de javali. As antigas pistolas haviam certamente sido importadas da Alemanha muitos anos antes. Apercebia-se de que nos canos havia selos de cidades como Dresden e Nuremberga. Pegou numa delas e com uma volta rápida apontou-a ao rosto de um dos seus homens. O infeliz quase vomitou o jantar.

Rindo, o capitão voltou a guardar a arma e apertou a mão ao homem grisalho.

— Até à próxima.

A um aceno do capitão, os remadores empurraram a barça para o rio, entraram e seguiram para oriente a caminho de Deptford.

Recostando-se no seu assento almofadado, o capitão puxou as pontas do bigode. Acabara de assaltar o armeiro da rainha em nome do seu patrão. Significava aquilo que o seu patrão estava indirectamente a roubar a rainha. Pois bem, ele roubaria o seu patrão. Quando os homens estivessem a descarregar os primeiros caixotes, esconderia uma dezena de pistolas por baixo das almofadas do seu assento. Os mentirosos mereciam mentiras, os aldrabões ser aldrabados. *O jogo* era assim.

Voltando para o Embarcadouro da Torre o homem grisalho ficou a olhar a barça desaparecer na noite. Apertou as mãos trémulas. Não sabia a quem pertencia aquela barça sem nome, nem para onde se dirigia com a sua carga mortífera. Só sabia que, por mais que quisesse não poderia detê-la.

Ned Smyth era o Mestre da Ordenança de Sua Majestade, guarda do Armeiro Real de White Tower. O misterioso capitão da barça abordara-o havia seis meses, explicando-lhe que trabalhava para um dos comandantes do exército da rainha nos Países Baixos. Nessa altura, o homem apresentara-lhe um pedido escrito para um carregamento de armas. A carta parecia ser legítima e quando Smyth se apercebeu de que tinha sido enganado — que a carta era forjada e que o comandante do

exército que a assinara não existira — o carregamento não autorizado já tinha sido entregue.

Smyth estava então encurralado. Não podia dizer à sua rainha o que acontecera porque não tinha maneira de provar que agira na melhor das intenções; o desonesto capitão da barçaçã ficara com a carta em seu poder. Para piorar as coisas o cão dissera ainda que se Smyth se recusasse a cooperar e a entregar o armamento adicional quando lho fosse pedido, iria directamente à rainha e acusá-lo-ia de vender as armas do Armeiro Real em proveito próprio. E como poderia Smyth provar o contrário? O Inventário desaparecera.

Smyth caminhou zangado pelo ancoradouro. Em parte desejava confessar e implorar perdão, mas sabia que era tarde demais. Acabara de cometer o seu terceiro acto de traição. Além do mais, talvez tivesse medo de que a sua deslealdade viesse à luz, mas ainda tinha mais medo do dono da barçaçã. Não havia dúvidas de que o homem mataria quem quer que se lhe metesse no caminho.

Com aquele pensamento desagradável, o homem de confiança da rainha passou pela porta oeste da Torre e prosseguiu a caminho de casa. Ninguém lhe pediu a identificação. Todos os guardas conheciam Smyth havia muitos anos, e acreditavam que ele fosse um homem íntegro, por isso nunca o questionavam. Nem sequer a meio da noite.

O capitão da barçaçã escolhera bem o seu relutante cúmplice.

GREENWICH — NOITE

Muito depois de Thomas Phelippes ter desaparecido da sua vista, Marlowe deixou-se ficar no banco de madeira junto do palácio de Greenwich. Se as suspeitas de Phelippes fossem verdadeiras e certos comerciantes da Companhia Muscovy tivessem descoberto um caminho marítimo secreto para o oriente, o que estariam a trocar pelas pedras preciosas? Não seria certamente prata inglesa. Essa de pouco serviria no Extremo Oriente. Calculou que estivessem a desfalcar as exportações da companhia. Tecido de lã, provavelmente. Ou talvez não — talvez outro artigo, de uma fonte diferente.

O nosso armamento continua a ser muito mais avançado do que aquele que têm no Oriente, pensou Marlowe. Estariam os homens da Muscovy a ajudar de novo os massacres nos pontos mais remotos do globo?

Marlowe era uma das poucas pessoas em Londres que sabia que, anos atrás, vários directores da companhia tinham orquestrado o contra-

bando do excesso de armamento inglês a bordo dos seus navios. Sem que Phelippes tivesse conhecimento, Anthony parente distante de Marlowe, era o gerente do armazém da companhia em Londres e fora-o por quase duas décadas. Funcionário leal, muito bem pago para se manter de boca fechada, Anthony cometera uma vez o erro de se vangloriar conhecer um terrível segredo da companhia, um segredo que jurara nunca revelar. O erro de Anthony fora grave, porque Marlowe nunca mais fora capaz de deixar de investigar, mesmo que não houvesse dinheiro metido no caso. Desde que ouvira Anthony gabar-se, o tal segredo estava tão seguro como um coelho perseguido por um cão esfomeado.

Desejando dar tempo ao primo para que este esquecesse a conversa, Marlowe esperara mais de um mês para lutar contra o silêncio firme e teimoso de Anthony. Depois, graças a um plano simples mas elegante, necessitara apenas de uma noite, uma prostituta esperta e uma pequena frota de copos de cerveja para descoser os lábios do tratante do primo.

Havia já sete anos que aquela noite acontecera e nessa altura Marlowe era ainda estudante em Cambridge. Viera passar o fim-de-semana a Londres e encontrara Anthony numa taberna muito conhecida de Southwark. Fizera perguntas sobre tudo excepto a Companhia Muscovy. Fingira não ter interesse em tal assunto. Depois, assim que Anthony se embriagou e começou a falar com a voz arrastada, Marlowe simulou ir-se embora mas escondeu-se atrás de uma trave de madeira. Pagara a uma prostituta bonita e esperta para se aproximar do primo e murmurar-lhe sedutoramente ao ouvido uns versos cuidadosamente decorados e depois fazer-lhe todas as perguntas de que se pudesse lembrar.

— Ouvi dizer que fazíeis um trabalho muito importante — começou ela, pestanejando.

— Ora, nem por isso... — gaguejara Anthony corado.

— Disseram-me que trabalháveis para homens poderosos. Homens que são os ouvidos da rainha. É verdade?

— Bom... eu...

Ela pôs-lhe a mão sobre o joelho.

— Sim... eu... trabalho.

— Oh, como isso me entusiasma! É perigoso? — perguntou, acariciando a perna de Anthony.

— É verdade. Não faças... valha-me Deus...

Ela acariciou-lhe o interior da coxa.

— Hmm?

— Não acreditarias no que estou metido.

— Oh, como gostaria de saber — inclinando-se para morder o ló-

bulho da orelha de Anthony, a prostituta olhou para Marlowe que acenou satisfeito.

Anthony — já com uma mão pronta para desabotoar a parte da frente dos calções — também parecia satisfeito.

— Pode dizer-se que, bom que... — fez uma pausa por um momento, buscando as palavras apropriadas. Baixou os olhos e logo estas lhe ocorreram. — Podes dizer que tenho nas *minhas* mãos o destino de cidades inteiras.

A prostituta ofegou dramaticamente e depois murmurou:

— Gostava de saber se sois tão bons com eles como eu — puxou-lhe por um braço para lhe levar a mão a um dos seus seios.

Ele agarrou-o desajeitadamente, tentando dar-lhe um beliscão.

— Mmm... contai-me — suspirou ela, fingindo um prazer quase extático. — Contai-me tudo.

Anthony arrotou e abanou a cabeça.

— Gostaria, mas não posso. Sabes, eu...

— Oh, mas deveis contar-me! Homens poderosos, homens que enfrentam o perigo... fazem-me bater mais o coração! Os joelhos tremem-me! — Ronronando, trepou para o colo de Anthony, passou-lhe as pernas em redor da cintura e demonstrou exactamente como tremia.

— Perdoa-me, mas eu...

— Se eu pensasse que éreis um homem assim, um homem destemido e perigoso, nem vos levaria um tostão para...

Ah, o golpe de mestre. Para além de ser parco em palavras, Anthony era também avarento. *Não há dúvida de que assim há-de ceder.*

O palpito de Marlowe estava correcto. Naquele dia Anthony disse à prostituta tudo o que sabia sobre a operação secreta da Companhia Muscovy e ela, encantada por conseguir uma vez na vida ganhar dinheiro vestida, repetiu tudo a Marlowe logo que Anthony começou a risonar.

Contou-lhe que, durante dezenas de anos, a companhia fornecera secretamente Ivan o então czar da Rússia as armas que este usara para os seus terríveis massacres.

— Quem estava envolvido? — perguntou Marlowe.

Ela falou de um rico mercador e proeminente oficial do governo, ambos mortos havia muitos anos. Marlowe nem pestanejou. Mas quando ela nomeou o terceiro homem, que ainda estava vivo, ficou com a boca aberta. Tratava-se de Francis Walsingham, o seu mentor que tanto admirava. Tendo lido os relatos que testemunhas das atrocidades de Ivan tinham declarado serem de alcance e brutalidade sem precedentes, Marlowe abanou a cabeça desagrado.

Seguindo a conversa embriagada de Anthony, fornecer armas a

Ivan fora a única maneira de garantir o monopólio da companhia no comércio com a Rússia, um comércio que era considerado demasiado valioso para perder. E a Inglaterra tinha um vasto fornecimento de armamento excedente, por isso, porque não? Era compreensível que os chefes dos estados balcânicos estivessem furiosos com a rainha Isabel por esta armar o seu vizinho sedento de sangue. Ela negava as acusações e para apaziguar os seus aliados tinha emitido uma proclamação específica proibindo o comércio. Contudo, os carregamentos tinham continuado sem interrupção e apesar das perguntas bem colocadas, Anthony nunca determinou se a rainha o tinha sempre autorizado em segredo.

Nessa noite, Marlowe praguejara em voz alta enquanto voltava para a sua estalagem. Assassinos cruéis e a carnificina de inocentes poderiam atrair multidões aos palcos mas não desejava criá-los na vida real. Desiludido pensou em deixar o patrocínio de Walsingham. Mas, por fim, resolvera-se a ficar, pensando levar a cabo trabalhos à sua maneira, fazendo aquilo que julgava ser correcto. Era um equilíbrio difícil de manter — satisfazer os que o manobravam enquanto agia de acordo com os seus princípios — mas, fosse como fosse, conseguia-o. Tudo por uma rainha e por um país que idealizara demasiado. Não fazia sentido, bem sabia e era perigoso. Estava destinado a ter um fim desagradável. Mas a vida era assim.

Hoje, certos homens da Muscovy poderiam estar entretanto a preparar outros esquemas ilícitos. Mas quem seriam eles? Marlowe apercebeu-se de que havia dúzias de possibilidades. Era provável que a maioria, senão todos os homens mais ricos e poderosos de Londres estivessem envolvidos na companhia quer como accionistas, quer como directores. Se alguns deles tivessem de facto recuperado o comércio ilícito de armas para adquirir mercadorias orientais, como identificá-los? Todos os participantes do antigo esquema tinham já morrido.

Marlowe sabia não ter esperança de conseguir mais informações do primo. Tinham passado sete anos mas Anthony ainda fazia má cara de cada vez que via Marlowe, agarrando por vezes o punho da espada. *Talvez que se eu não o tivesse provocado na manhã seguinte, recordando-o de cada precioso pormenor e de como fora tão completamente enganado...*

Ocorreu então a Marlowe que Essex, também accionista da companhia poderia estar envolvido. Phelippes podê-lo-ia ter contratado para ver se Essex e os seus companheiros escondiam bem o esquema.

Reflectia sobre essa possibilidade quando vários gritos fracos cortaram o ar silencioso da noite. Levantou-se curioso e dirigiu-se ao local de onde provinha o barulho, deslocando-se rapidamente, mas em silêncio sob a frondosa cobertura das árvores.

Provinha do andar superior do lado sul do palácio. Os estábulos dar-lhe-iam uma linha de visão perfeita para o aposento em questão, mas como escalar aquelas paredes lisas? Reparou numa pequena janela por baixo do telhado dos estábulos. Depois de entrar no edifício, passou sem fazer barulho pelo moço do estábulo que estava a dormir e colocou a escada por baixo da janela. Depois subiu, apoiou-se e saltou para o telhado.

Olhou para cima e viu os contornos de duas figuras numa janela aninhada na torre no cimo da parede sul. Um homem e uma mulher. Ambos pareciam muito altos — o homem tinha as costas largas e era de uma constituição impressionante, a mulher magra e curvada de saias volumosas. Os longos caracóis apertados estremeceram quando esbofeteou a cara do homem e lhe socou o peito. Ele afastou-se rapidamente.

— Robert! Robert! Voltai imediatamente! — gritou ela.

Sobressaltado, Marlowe apercebeu-se de quem se tratava. Isabel e Essex. A rainha e o seu jovem e belo apaixonado. Por momentos ela desapareceu da linha de visão de Marlowe, mas este continuou a olhar para a janela. De súbito viu uma centelha prateada e outra logo a seguir. A cortina de musselina caiu cá em baixo em farrapos e Marlowe avistou a rainha à janela, agarrando uma espada, com a sua gola incrustada de jóias brilhando ao luar.

O rosto pálido de Isabel estava descomposto de raiva. A sua cabeleira vermelho escura estava ligeiramente de lado, revelando-lhe parte do cabelo fino e grisalho. Marlowe pegou pela segunda vez naquele dia na sua moeda. “Éreis mais imponente no dinheiro do que dentro da vossa alcova, não é assim, minha rainha?”

Erguendo mais uma vez o olhar, viu que a rainha tinha já as feições compostas. Parecia calma. Apenas riscos escuros na sua espessa maquiagem cor de alabastro revelavam os anteriores momentos de angústia. Desapareceu de novo e, momentos depois, saíam dos seus aposentos doces acordes musicais.

Um pequeno grupo de músicos deveria encontrar-se escondido, pensou Marlowe vendo uma figura menear-se ao som delicado da música de alaúde. Os movimentos alternavam entre uma agradável fluidez e uma quase agressividade. O rosto da figura passou pela janela. Era o da rainha que dançava só.

Marlowe olhou para baixo e observou o telhado suavemente inclinado dos estábulos. Estava no seu ponto mais alto. Estendendo os braços, enchendo o peito e inclinando a cabeça ao de leve começou a movimentar-se. Percorrendo a superfície com passos hábeis, conseguia dançar uma pavana precária mas graciosa acompanhando o ritmo da rainha.

De súbito, Essex voltou de rompante ao aposento, agarrou a rainha pelos ombros e beijou-a com sofreguidão.

— Perdão, mas não podeis interromper — disse Marlow em surdina, com fingida severidade.

Isabel empurrou Essex e apontou-lhe a porta com um dedo. Depois do seu desanimado cortesão ter saído ficou imóvel. Os músicos tinham feito uma pausa.

Lá em baixo, sobre o telhado, Marlowe ergueu o braço e fez uma reverência.

— Prossigamos... — sugeriu.

Lá em cima a rainha começou a movimentar-se bruscamente quando a música recomeçou e, sem o saber, acompanhou Marlowe numa galharda.

Empurrando os pesados portões do Palácio de Greenwich, Robert Devereux, segundo conde de Essex, desceu os degraus que levavam à sua barça e acordou os seus homens.

Conscientes da natureza mercurial do amo e a sua relação volátil com a rainha, tinham sabiamente resolvido dormir no barco e não no palácio. Puseram-se de pé entorpecidos, tomaram as suas posições e começaram a remar.

Demasiado perturbado para se sentar, Essex percorreu a barça de um lado a outro.

— Malditas sejam as suas falsas promessas! — resmungou. — Que um raio caia sobre Cecil, essa patética criatura!

Passando pela cidade adormecida de Depford, Essex viu outra barça — mais ou menos do mesmo tamanho da sua — aportando a uma pequena doca abandonada. A bordo estavam amontoados vários caixotes de madeira. Essex perguntou a si próprio se não seria um rico habitante de Londres que fugia de um surto recente da peste, transportando os seus haveres mais valiosos para a sua casa de campo onde tencionava passar o Verão. Reparando que a barça não tinha nome, viu também que os remadores não usavam a libré de alguém que conhecesse. As suas roupas eram vulgares e diferentes umas das outras. Essex semicerrou os olhos. Uma pessoa capaz de comprar uma embarcação assim não queria que o resto do mundo soubesse? *Que estranho.*

Tendo deixado Depford para trás, os pensamentos de Essex regressaram à rainha e aos louvores que ela fizera naquela noite ao seu inimigo. Mais uma vez se recusara a nomeá-lo secretário de estado, sugerindo que teria de provar ser mais capaz do que Robert Cecil. Porque não perceberia que um homem de acção — um homem capaz de lutar contra

o inimigo no campo de batalha — era muito mais adequado à posição do que um escriturário de coração fraco?

Essex voltou a andar de um lado para o outro soltando insultos.

Vinte minutos mais tarde estava no átrio da sua mansão de Londres, diante de um alvo com um retrato. Agarrando o punhal pela ponta, lançou-o por cima do ombro. Nada. O punho bateu contra a velha imagem e caiu no chão.

Corcunda filho da mãe! Que apodreças no inferno!

Respirou fundo e tentou de novo. O segundo punhal passou ao de leve pela orelha de Robert Cecil, e estremeceu ao de leve antes de se enfiar no alvo.

Não bastava. Durante alguns minutos, Essex ficou a olhar para aqueles olhos odiados e para as olheiras pintadas por baixo.

Depois lançou o terceiro punhal. Perfeito. Seria em *breve*.

7

NOVA IORQUE — 20:33 NA ACTUALIDADE

Kate apontava-lhe à cabeça. Ele aproximou-se. Ela bloqueou os seus dois socos rápidos, girou sobre o calcanhar do pé esquerdo e levantando o joelho direito avançou com o pé.

Antes do contacto, Slade agarrou-lhe o tornozelo e apesar deste estar escorregadio do suor, segurou-o firmemente no ar.

— Olhos Kate. O que é que te estou sempre a dizer?

— Visão periférica, disfarçar as minhas intenções. Bem sei, chefe, só que estou prestes a cair para o lado.

— Desculpas dessas não te hão-de salvar a vida.

— Certo. Podes devolver-me a perna, por favor?

— Por enquanto.

De novo de pé, Kate descalçou as luvas e alisou o cabelo, fazendo um rabo-de-cavalo.

— Sabes, se não fosses o meu reverenciado chefe, a lenda do mundo dos espíões e, sim, o meu herói pessoal... — avançou um passo. — Bom, se assim não o fosse, dir-te-ia que, um dia destes haveria de te dar um pontapé no traseiro.

Slade lançou-lhe um sorriso.

— Estou à espera. — Voltou-se e dirigiu-se para a beira do ringue. Enfiou os seus chinelos Nike, curvou-se para pegar no saco de ginástica e acrescentou: — Estou à espera até há algum tempo.

Kate estudava artes marciais desde a adolescência e tinha passado anos a ensinar *kickboxing* para arranjar dinheiro durante o tempo que frequentara a faculdade, contudo a sua habilidade estava ainda longe da de Slade. Olhando para as costas dele bem musculadas e em forma de V, delineadas pela *t-shirt* azul, disse:

— Bom, na verdade, tenho-me contido. Para te poupar o ego durante algum tempo, sabes... Mas...

— É muito amável da tua parte — Slade pegou no saco de ginástica, tirou lá de dentro uma garrafa de água e estendeu-a a Kate que bebeu e agarrou nas suas coisas. Saíram do ginásio para o ar fresco da noite.

— Amanhã... vais apanhar o avião para Londres para o caso Medina?

— Sim. Provavelmente vou no último voo — disse Kate. — De manhã vou encontrar-me com um informador para planear o meu encontro com De Tolomei, depois...

— O fulano da Sotheby?

— Exactamente. Depois, à tarde, vou falar com o Medina sobre os progressos que já fiz até esse ponto.

— Sentes-te bem com todos esses malabarismos? Se não parecesse tão adequada para as duas tarefas...

— Não são malabarismos quando só há duas bolas no ar.

Slade sorriu, depois olhou com atenção para a ferida que Kate tinha no pescoço.

— Desta vez o contacto tem de ser melhor. Não deverias ter saído sozinha ontem à noite. Se eu tivesse sabido...

— Sim senhor. Pode contar com isso, chefe — respondeu ela trocista.

Slade deteve-se e olhou-a.

— Estou a falar a sério, Kate. Quase te mataram.

— Bem sei. Vou ter mais cuidado.

— Dizes sempre isso.

— Se não fosse verdade não haveria outras vezes — respondeu Kate no mesmo tom.

Slade suspirou.

— Vá lá. Sabes que faço tudo o que me dizes. Estás a falar com uma pessoa que te tem seguido literalmente até à beira dos penhascos.

— Tens razão.

— E farei o mesmo, sempre que mo pedires — disse, dando-lhe um leve soco no ombro.

— Tão depressa não vai ser necessário — disse Slade, delicadamente. — mas tenho uma montanha de roupa suja que chega ao céu e um par de sapatos que precisavam de ser engraxados...

— Até amanhã, chefe.

Quarenta minutos mais tarde e depois de ter tomado duche, Kate estava em Greenwich Village, sentada na cave húmida e mal iluminada de uma antiquária especializada em livros raros de quem era amiga havia bastante anos. A idosa senhora, Hannah Rosenberg, tinha um carrapito

grisalho mal preso e enrolava uma madeixa enquanto examinava a lombada do manuscrito de Medina através de um par de óculos tortos com aros dourados.

— Oh, mas isto foi maravilhosamente cozido... couro marroquino negro, muito caro nesta época. Este tipo de ornamentação a ouro era uma técnica nova e elegante na Inglaterra Tudor...

Kate lembrou-se que tinha de respirar.

— O que achas do papel?

Abrindo o volume, Hannah começou a folheá-lo, fazendo de vez em quando uma pausa para estudar certas páginas à luz de uma lâmpada de fraca intensidade.

— Hmm... — pegou na sua caneta de fibra óptica, pôs um par de óculos escuros e prosseguiu o exame.

Sabendo que o processo poderia levar algum tempo, Kate levantou-se e foi espreitar os armários de portas de vidro cheios de livros antigos que se alinhavam encostados às paredes da loja.

— Importas-te de me ir buscar um copo de vinho? — perguntou Hanna. Vivia no andar por cima da loja.

— De modo algum — Kate esgueirou-se pela porta com o coração a bater.

— Boas notícias, querida — disse Hannah quando Kate regressou com dois copos de Merlot. — Diria que a tua teoria está certa.

— Que queres dizer com isso?

— Bom, para começar, a lombada, o papel e a capa... estão todos eles de acordo com a época. Não há dúvida de que se trata de uma colectânea de páginas escritas em diferentes tipos de papel do século dezas-seis, aparentemente por várias pessoas. O papel em si, é oriundo de toda a Europa. Praticamente nenhuma destas páginas provém do mesmo lote que as seguintes, o que é invulgar em qualquer tipo de manuscrito encadernado, mesmo que se trate de uma colectânea de cartas pessoais. A página do título é de um linho florentino grosso e esponjoso, com uma marca de água usada nos anos noventa do século dezas-seis. A seguinte é de um papel inglês feito de trapos e muito mais barato e diria que também várias décadas mais velho. A terceira é de pergaminho veneziano. Parece também muito mais antiga do que a página do título.

Sentando-se num banco em frente de Hannah, Kate inclinou-se ansiosa.

— São progressivamente mais recentes, não é verdade?

Hannah acenou afirmativamente.

— De uma maneira geral, parecem estar por ordem cronológica. Precisava de uns dias para datar cada página com maior precisão.

— Hmm... Tenho de levar isto comigo, mas...

— Julgo que de qualquer forma, faria mais sentido decifrar o conteúdo. Se contiver várias receitas de sopa...

Kate sorriu.

— Tens razão.

— Entretanto, podemos pôr já de parte a hipótese de uma falsificação moderna. As pessoas falsificam para ter lucros e uma coisa destas com tantos autores e tantas qualidades de papel... oh, tentar falsificar isto seria um pesadelo extraordinariamente caro e moroso.

Hannah meteu a mão num dos bolsos do seu amachucado vestido de linho preto e retirou de lá uma pastilha de nicotina que meteu na boca.

— Se conseguisse convencer um comprador que isto realmente era uma colectânea dos relatórios de espionagem de Walsingham — prosseguiu — suponho que, mesmo assim, valeria a pena. Um manuscrito único e de enorme interesse histórico? Mmm.... Provavelmente conseguiria uns quantos milhões. Mas se o teu cliente andasse atrás do dinheiro, tê-lo-ia levado a uma leiloeira ou trazido a alguém como eu. Não to entregaria.

Kate acenou afirmativamente.

— De qualquer maneira, ele não precisa de dinheiro. Sente apenas curiosidade acerca da razão pela qual alguém anda atrás disto. E falando do assunto, vamos ver se foi de facto Phelippes quem escreveu a primeira página.

Kate retirou um dossier da sua mochila e, de dentro dele, escolheu várias páginas de papel. Na universidade recebera uma bolsa para viajar e investigar a espionagem da época isabelina em Inglaterra, por isso tinha microfilmado dezenas de documentos de diferentes arquivos e bibliotecas, alguns dos quais escritos pela mão de Thomas Phelippes.

— Consegues comparar a caligrafia? — perguntou, entregando-os a Hannah.

— Tens a certeza de que Phelippes não se teria servido de um escrivão?

— Absoluta — respondeu Kate. — Se estes relatórios são aquilo que eu penso, esta colectânea teria sido a sua posse mais preciosa, uma coisa que teria guardado religiosamente, sem a querer mostrar a quem quer que fosse.

Hannah colocou diante de si as quatro folhas, dispondo-as em redor do manuscrito que abriu na primeira página. Foi observando e comparando as várias amostras com uma lupa.

— Coincidem perfeitamente. E sabes que a caligrafia isabelina é

quase impossível de falsificar. Não posso dizer com cem por cento de certezas — prosseguiu Hannah erguendo os olhos. — Ninguém o pode fazer neste campo; mas julgo que Phelippes escreveu isto. Que reuniu esta colectânea de escritos codificados e a mandou encadernar algures em Londres. Mas determinar se o resto das páginas pertence aos arquivos desaparecidos de Walsingham? Isso é contigo.

Hannah fechou o manuscrito, entregou-o a Kate.

Enquanto esta o punha na caixa de chumbo, Hannah disse de súbito.

— Espera um momento. Deixa-me ver isso outra vez.

Kate assim fez e Hannah observou a contracapa com os olhos semicerrados e um sorriso formou-se-lhe lentamente no rosto.

— Que se passa?

— Parece que o trabalho do encadernador foi interrompido — disse Hannah abrindo o manuscrito entre as duas com a contracapa para cima. Fez-lhe incidir a lâmpada.

— Estás a ver estas leves impressões? — perguntou, apontando para os dois cantos inferiores. — Três num canto, duas noutro?

— Sim. Como será que isso me escapou? — murmurou Kate. Cinco pequenas rosetas, semelhantes ao perfil de rosas em botão, foram levemente estampadas no couro negro, deixando impressões concavas quase indeléveis.

— Nessa época, um encadernador hábil, um artista assim, fazia geralmente decorações mais ornamentadas. Calculo que fosse começar um desenho complicado... três rosetas em cada canto, provavelmente um desenho grande ao centro, mais riscas finas, tudo preenchido com folha de ouro... mas tal nunca aconteceu.

— Porque Phelippes estava cheio de pressa de esconder isto! — exclamou Kate. — Logo que se descobriu que os arquivos de Walsingham tinham desaparecido, Phelippes teria sido um dos principais suspeitos. Aposto que reuniu esta colectânea e a escondeu imediatamente, sabendo que as pessoas lhe revistariam a casa. Ou talvez...

Kate mordeu um lábio e o seu espírito fervilhava com as possibilidades.

— Talvez não a tenha mandado encadernar imediatamente. Talvez tenha mantido consigo o todo arquivo para ameaçar certas pessoas ou para fazer chantagem com elas, mas um dia ficou preocupado que alguém andasse à procura das provas que tinha contra eles e encadernou-as.

— Parece plausível — disse Hannah, acenando com a cabeça.

— Sabes, e se... Não, não é possível.

— O quê?

— Oh, estava a deixar-me levar pelo entusiasmo, perguntando a mim mesma se a razão pela qual Phelippes correu a esconder a colectânea não estará ligada à razão pela qual alguém a quer agora encontrar. Mas não deve ser possível... pois não?

A três quarteirões de distância da sua paragem de metro na baixa, Kate chegou à sua rua e apressou o passo até ao seu prédio, coberto de trepadeiras, a um quarteirão de distância de East River. Estava impaciente por decifrar naquela noite o mais que pudesse de *A Anatomia dos Segredos*. O telefone tocou enquanto subia os degraus de mármore. Era Max.

— Tenho estado a investigar o e-mail desse tal Dragão de Jade — disse-lhe. — Ainda não fui capaz de o localizar porque usaram uma cadeia de *remailers* anónimos, mas consegui entrar no sistema do Bil Mazur e dar uma olhadela aos mails do Dragão de Jade. Enviou o primeiro esta manhã, oferecendo a Mazur dois mil dólares para reservar o dia para uma tarefa não mencionada. Mazur replicou que estava de acordo. Depois, enquanto tu e o Medina estavam no Pierre, o Dragão de Jade enviou a Mazur um segundo mail com o nome do local e a tarefa. Mazur devia roubar-te a mala e deixá-la num cacifo da Penn Station.

— Então deve ter tido alguém atrás do Medina, à procura do melhor momento para agarrar o manuscrito e, quando nos encontrámos no Pierre e obviamente estávamos a discutir o assunto, ele e o seu associado devem ter concluído que eu sairia de lá com ele — especulou Kate. — E considerou-me um alvo fácil.

— Sim, e usaram Mazur como distração para o caso de alguma coisa correr mal. Tens ideia de quem possa ser esse tal Dragão de Jade?

— O mesmo tipo que enviou um ladrão para roubar a casa do Medina — disse Kate. — Para lá disso, não tenho a certeza, mas aposto que é um inglês rico com alguma coisa para esconder... ou perder.

— Como por exemplo? Um título?

— Talvez, se vier com propriedades valiosas. Os títulos estão a perder rapidamente o prestígio por lá. Mas isso recorda-me que, há algum tempo li qualquer coisa sobre um dono de terras escocês que queria vender uma cordilheira na Ilha de Skye por mais de quinze milhões de dólares. Houve um enorme escândalo lá por aquelas bandas, por ele querer vender aquilo que os escoceses consideravam como um tesouro nacional, mas o tribunal decidiu que ele era o dono, baseado em documentos dos séculos quinze e dezassete. Se este manuscrito contiver alguma prova que invalide a posse de uma propriedade a essa escala, alguém certamente se daria ao trabalho de o tentar roubar.

— Ei, e se tiver por exemplo alguma coisa a ver com o governo ou com a igreja?

— Qualquer coisa directamente ligada com Isabel I seria irrelevante pois a linha Tudor morreu com ela — respondeu Kate. — Mas um assunto religioso... é uma ideia interessante.

A voz de Max tomou um tom de obscura conspiração.

— Talvez haja a história de um santo que gostava de rapazinhos e uma besta qualquer do Vaticano quer manter o assunto em segredo.

— Como se alguém erguesse sequer uma sobrancelha por causa disso. — disse Kate, cínica. — Mas depois te digo.

— Já descobriste alguns desses arquivos?

— Vou agora começar — disse ela, abrindo a porta da rua.

— Fixe! Até amanhã de manhã. E toma cuidado Kate. Duvido que quem quer que ande atrás deste manuscrito esteja disposto a desistir.

Depois de dar as boas noites a Max, Kate foi buscar ao frigorífico uma pequena garrafa de Dr. Pepper de dieta e dirigiu-se à sala. Excepcionalmente duas paredes cobertas de estantes, o aposento tinha o ambiente de um harém mouro ou de um antro de ópio. As paredes e o tecto eram vermelhos, as janelas tinham cortinados de gaze dourados, que não combinavam com as almofadas turcas colocadas em redor da mesinha de madeira escura e o tapete era um antigo Klim que pertencera à avó de Kate. As mesas eram africanas com pernas torneadas e embutidos e os candeeiros que repousavam sobre elas tinham abat-jours criados por um artesão florentino a partir de mapas medievais, com criaturas invulgares — dragões com belas faces humanas e cabelo loiro — que espreitavam aos cantos. Era uma mistura eclética que Kate juntara nas suas viagens, mas que funcionara. Pelo menos para ela — certa vez, alguém que a tinha visitado perguntara se o decorador dela era bom da cabeça.

Instalando-se num dos sofás, Kate abriu a sua mochila negra. Parecia perfeitamente vulgar, mas era afinal uma mala de computador reforçada com um alarme incorporado. Retirou a caixa de Phelippes e abriu o manuscrito na quinta página, aquela em que naquele dia, quando estava no Pierre, já reconhecera os caracteres em cifra.

Pelos padrões da tecnologia actual a maioria das cifras e dos códigos isabelinos seriam considerados notavelmente simples. Implicavam geralmente a substituição de caracteres inventados, números ou palavras por várias letras e nomes próprios. Por exemplo, o pai de Robert Cecil, principal conselheiro de Isabel, usava os signos do Zodíaco para representar os diferentes monarcas europeus e outras importantes figuras políticas. Outro cortesão preferia os dias da semana.

A escrita que Kate examinava consistia unicamente em símbolos

inventados. Tal como dissera a Medina no Pierre, reconhecera três deles, caracteres que haviam sido usados para representar a Inglaterra, a França e a Espanha. Mas onde já os teria visto? Depois de pensar alguns instantes a resposta surgiu-lhe — os caracteres provinham de uma chave de cifra que vira no Registo Público de Londres.

Procurando num dos seus arquivos, encontrou a pasta necessária e, olhando para a sua versão microfilmada, localizou os significados de mais dois caracteres que apareciam na página — uma meia-lua atravessada por uma linha referia-se a Filipe II de Espanha e dois Cs desenhados costas com costas, separados por uma linha, representavam o Papa.

Kate apercebeu-se de que os cinco símbolos que compreendia estavam posicionados independentemente. Os outros estavam agrupados. Olhando para os caracteres dentro de cada grupo, decidiu que deviam representar letras, que os grupos tinham de ser palavras e que cada símbolo deveria significar uma letra inglesa. Sabendo que tinha no seu computador software que a poderia ajudar a descodificar o resto da mensagem, Kate scaneou a página para o seu portátil.

Não foi assim tão fácil decifrar as doze páginas seguintes do manuscrito. O processo foi lento e enfadonho. Mas Kate não se importou. Em poucas horas estava imersa em relatos sensuais de confusões e crimes do Renascimento. Estava no céu.

Por outro lado, o pai dela, estava no inferno.

WASHINGTON, D.C. — 1:24 H

Na parte superior de Georgetown, o luar iluminava uma casa simples, mas mesmo assim imponente. No terceiro andar, o senador Donovan Morgan estava sentado, sozinho e às escuras no seu escritório. Olhava fascinado para o vídeo a preto e branco de má qualidade que passava no seu portátil pela sétima vez. Surgira-lhe na sua *inbox* havia quinze minutos.

No ecrã aparecera um jovem muito magoado e extremamente magro, sentado no chão de uma imunda cela de prisão, com a cabeça pendida para a frente. Tinha as plantas dos pés cobertas de sangue seco por onde escorria um líquido branco. Nos braços havia marcas que sugeriam que tinha sido várias vezes injectado com pentotal de sódio ou uma substância semelhante. Apareceu um guarda, que abriu a porta da cela e começou a gritar. O prisioneiro olhou para cima. Só conseguia abrir um olho e mesmo esse estava vidrado, o outro estava completamente fechado pelo inchaço da carne escura que o rodeava. Morgan ajustou o rato com

a mão trémula. Carregou no botão de STOP e a cena imobilizou-se.

É indiscutivelmente o rosto dele, pensou Morgan observando as feições do espião que tinha conhecido tão bem. Mas, interrogou-se, o vídeo seria real ou a imagem facial teria sido retirada de uma antiga fotografia? Diziam que ele morrera durante a missão. Ter-se-iam enganado?

O espião fora enviado numa missão que Morgan, então presidente do Comitê de Inteligência do Senado, tinha conhecimento. A missão acabara por ficar comprometida e o homem desaparecera, com destino desconhecido até ter chegado o relatório da sua morte. Ainda poderia estar vivo?

A esperança de Morgan em breve murchou. Mesmo que o espião tivesse escapado à captura, decerto teria sido executado, pouco depois de ter sofrido formas de tortura bem piores do que a morte. Morgan sentia-se responsável.; a culpa era avassaladora. Carregou de novo no PLAY e viu o guarda agarrar no braço magro do jovem, obrigando-o a pôr-se de pé e arrastá-lo, cambaleante da sua cela.

Terminado o vídeo, Morgan encostou-se na cadeira e olhou pela janela. A lua estava invulgarmente brilhante e cintilava nas gotas de orvalho que salpicavam as folhas do ulmeiro. Mas Morgan não reparou. As imagens permaneciam-lhe na mente e tinham-lhe perturbado a visão. Alcoólico em recuperação, não tocava na bebida havia mais de cinco anos, mas que diabo, como lhe apetecia naquele momento.

Pegou no telefone e ligou para Jeremy Blade.

— Precisamos de nos encontrar. Trata-se de Aqueronte.

8

O teu mercador maquiavélico arruina o estado
A tua usura conduzir-nos-á à morte
O teu artefacto e artesão marcam o nosso destino.
E, tal como os judeus, comes o nosso pão

Já que nem palavras, nem ameaças nem outras coisas
Permitem evitar esta certa enfermidade
Cortar-vos-emos as gargantas, enquanto rezardes nos vossos templos
Nem no massacre de Paris tanto sangue derramado

— assinado “Tamburlaine”, autor desconhecido

LONDRES — NOITE, MAIO DE 1593

Por uns instantes o espião permaneceu na sombra, vasculhando a rua em busca de transeuntes. Não havia ninguém. Ótimo. Aproximou-se mais.

Em breve viu o seu destino — uma pequena igreja frequentada pelos imigrantes holandeses das imediações, os cães esfomeados que roubavam os empregos dos bons ingleses. À esquina do edifício adjacente, espreitou para o adro da igreja. Estava vazio. Continuou.

Retirou um rolo de pergaminho de debaixo do gibão. Pareceu-lhe pesado como o ferro. Se fosse apanhado com ele, o seu amo fingiria que não sabia de nada e seria ele que se veria atirado para as masmorras. Com os dedos a tremer, desdobrou o poema de cinquenta e três linhas e pregou-o na parede da igreja.

Ao ameaçar de morte os imigrantes, os seus versos inteligentes espalhariam o medo no coração dos holandeses. O espião sabia também que Kit Marlowe se veria em graves apuros, porque o terrível poema assinado “Tamburlaine” fazia outras referências às peças de Marlowe e, sem

dúvida, as autoridades concluiriam que o popular dramaturgo era uma influência perniciosa para a sociedade; um patife que incentivava o povo à violência e ao crime.

Os olhos do espião saltaram imediatamente para os seus versos favoritos.

— “Cortar-vos-emos as gargantas enquanto rezardes nos vossos templos” — murmurou baixinho, incapaz de resistir a lê-los pela última vez. — “Nem no massacre de Paris tanto sangue se derramou”. — Perfeito, pensou orgulhoso. *O Massacre de Paris*, a peça mais recente de Marlowe, acerca da matança dos protestantes franceses no dia de São Bartolomeu em 1572, tinha-se estreado no Rose naquele mesmo Inverno, antes de um surto de peste ter obrigado os teatros a fecharem as suas portas. Ninguém poderia deixar de perceber a sua referência ao título da obra de Marlowe. *O Massacre* fora a obra com mais espectadores naquele ano. E era, o espião tinha de o admitir, simplesmente maravilhosa — uma série de espectáculos assassinos que incendiavam o sangue das pessoas.

O espião não sabia porque razão o seu amo estava tão desejoso de trazer a desgraça a Marlowe, mas provavelmente seria esse o resultado do poema. Havia mais de um mês que apareciam escritos semelhantes por toda a cidade — todos eles anónimos e o Conselho Privado tinha nomeado uma comissão especial de cinco homens para localizar os culpados. O governo não desejava de modo algum mais rixas nas ruas de Londres. Para além do mais dizia-se que a rainha se sentia pessoalmente ofendida, pois considerava os imigrantes seus amigos, protestantes como ela que tinham fugido das suas pátrias arrasadas pela guerra. Assim, para acabar de vez com aqueles que a ofendiam, ia mandar algemar pulsos, partir articulações e esmagar os ossos.

Saindo furtivamente do adro da igreja, resistiu ao impulso de desatar a correr. Não deveria chamar as atenções, mas apetecia-lhe desesperadamente estar em casa, na cama, longe daquelas paragens, antes que o sol nascesse.

GREENWICH — MANHÃ

As torres do Palácio de Greenwich cobertas de nuvens desapareciam lá atrás enquanto Marlowe se afastava para ocidente, seguindo o Tamisa em direcção a Deptford, cidade portuária onde convergiam soldados, comerciantes, exploradores e piratas. Uma tempestade breve mas intensa acabava de passar e os pingos de chuva brilhavam sobre os novos rebentos da primavera. Os ramos das árvores estremeciam com as oca-

sionais rajadas de vento. Marlowe viu os pingos caírem para se juntarem às poças de água nos trilhos das carruagens ao longo da estrada.

Atravessou a ponte de madeira sobre Deptford Creek e o relvado para se dirigir a uma taberna familiar onde a população da cidade, normalmente barulhenta se amontoava, ultrapassando a capacidade da casa. O excesso de população de Greewich, pensou Marlowe, juntamente com os habitantes de Londres que fugiam do surto de peste daquela Primavera. Ao dar a volta à esquina viu a placa ousadamente decorada do Chapéu do Cardeal. Ao entrar os ouvidos de Marlowe captaram algumas frases em francês e italiano — provavelmente vindas das vozes das bailarinas estrangeiras e dos músicos que percorriam as ruas de Deptford durante o dia e, de noite actuavam em Greenwich diante da rainha.

No canto mais distante da taberna, Marlowe avistou o amigo que procurava na sua mesa habitual. Não lhe conseguia ver o rosto, pelo contrário, a cabeça do homem estava obscurecida por uma mulher curvilínea de cabelo muito comprido e cor de fogo, envergando um corpete com um enorme decote. Mas Marlowe reconheceu a mão carnuda que apalpava o traseiro da mulher.

Oliver Fitzwilliam, de sessenta anos, era conhecido pelos amigos como Fitz Fat pois o pai, William fora também um homem enorme. Literalmente a alcunha significava “filho do gordo”. Era um dos oficiais aduaneiros de Sua Majestade, mas não o mais leal; recebia mais subornos do que idas fazia ao penico e ainda levava a cabo uma operação secreta de contrabando de livros.

A mulher afastou-lhe o braço e poisou com tanta força uma caneca de cerveja na mesa, que o líquido cor de âmbar se entornou pelas bordas. Depois desapareceu a toda a pressa soltando impropérios.

— Kit! Vem para aqui! — exclamou Fitzwilliam antes de se voltar para lançar outra olhadela à agradável taberneira. — Esta é nova. Diz que se chama Ambrósia. O nome fica-lhe bem, por Deus. Venderia a minha alma ao demónio para passar uma noite com ela.

— Acho que bastariam umas moedas — replicou Marlowe sentando-se no banco oposto.

— Ela disse que não subiria à mais alta montanha de carne nem por toda a prata de Inglaterra — suspirou Fitzwilliam com olhos tristes.

Marlowe esforçou-se por se manter sério.

— Deve ter sido um ataque de loucura. Talvez a lua se tenha aposado do juízo dela.

Ainda desanimado, Fitzwilliam acenou lentamente com a cabeça. Porém, instantes depois, esboçou um enorme sorriso e pediu aos berros outra cerveja.

Marlowe não se surpreendeu. Os humores do amigo alteravam-se mais depressa do que as condições atmosféricas de Inglaterra durante a Primavera.

— Esse aí é uma besta completa — declarou Ambrósia, colocando a bebida de Marlowe sobre a mesa.

Sem se desconcertar, Fitzwilliam pegou na sua caneca e baixou a voz num murmúrio excitado.

— Às tuas canções sujas e ao seu enorme êxito.

— A Ovídio — replicou Marlowe erguendo também a sua. — Deus abençoe a sua mente pervertida. E a ti, pela viagem sem complicações. — Fitzwilliam tinha tratado do embarque das recém impressas traduções de Marlowe da obra *Amores* de Ovídio, bem como da sua passagem pela alfândega.

As duas canecas tilintaram.

— “Que braços e ombros toquei e vi? / Os seus seios foram feitos para se encostarem a mim / Como é suave o seu ventre que lhe avistei sob a bela cintura / Como é grande a perna, e a... a...” coxa gorda? Não, como é Kit? “Bela e farta coxa?”

— Bom... é “coxa lasciva”, mas se preferes “bela e farta”, estás à vontade.

— Não. Lasciva. Gosto. Aconselho-te a que mantenhas a palavra.

— Exacto. Diz-me então Fitz — murmurou Marlowe inclinándose. — O que há de novo? Nestas duas ultimas semanas, tens encontrado muitos contrabandistas?

Fitzwilliam passou um dedo pela carne mole da sua papada.

— Deixa ver... um espião com mensagens da corte espanhola escondidas no forro do gibão.

— Como o apanhaste?

— Vinha mascarado de tocador de alaúde. Alegava que os holandeses o tinham enviado para entretenimento da rainha, mas o patife tinha um ar nervoso, por isso pedi-lhe que tocasse uma melodia e... — Fitzwilliam estremeceu, tapando os ouvidos com as mãos.

Marlowe riu-se.

— Mais nada de extraordinário. Vários padres que tentavam entrar às escondidas, claro, com Bíblias em latim metidas debaixo das vestes.

— Esquecendo as Bíblias e voltando aos versos eróticos... Fitz, és um tesouro nacional.

O gordo corou.

— Diz-me Kit, trata-se apenas de curiosidade ou estás aqui por causa do teu *assunto* especial?

Fitzwilliam era uma das poucas pessoas que sabia do trabalho

secreto que Marlowe executava para o governo e dos métodos pouco ortodoxos com que executava as missões de que era incumbido. Tinham-se conhecido alguns anos antes, quando Francis Walsingham, que suspeitava que havia uma rede de contrabando de livros a operar fora de Depford, enviara Marlowe para investigar. Este identificou rapidamente Fitzwilliam como o chefe da rede, mas em vez de informar Walsingham chegou a um acordo privado com ele. Marlowe não o entregaria; pelo contrário, tranquilizaria Walsingham confiscando vários caixotes de livros proibidos e alegaria que o principal contrabandista tinha fugido de Inglaterra para se dedicar à pirataria. Por seu lado, Fitzwilliam permitiria que Marlowe usasse a rede de contrabando sempre que quisesse embora tivesse evidentemente de agir muito mais discretamente.

— De facto — disse Marlowe. — Tenho umas perguntas a fazer-te.

— Se essa mulher me trazer um copo de vinho das Canárias, eu até vomito as tripas.

— Em sentido figurado, espero eu.

Depois de encomendar o vinho que Fitzwilliam tinha exigido, Marlowe prosseguiu.

— Afirmaste que o teu pai possuiu acções da Companhia Muscovy. Podes dizer-me alguma coisa a esse respeito?

— Eram todos lacaios de Satanás — disse o gordo como se as palavras lhe soubessem a lama do rio. — Deveriam ser enforcados.

— Simples mercadores?

— Roubaram a fortuna ao meu pai. Arruinaram-lhe a reputação.

— E como foi isso?

— Ele foi um dos investidores originais, ajudou a financiar aquela maldita viagem a Moscovo, há tantos anos. Partiram três navios, mas só um chegou à corte russa. Os outros ficaram presos no gelo. Todos os que iam a bordo morreram de frio — Fitzwilliam estremeceu. — A viagem para norte foi demasiado difícil para ter verdadeiros lucros, mas, mesmo assim, o meu pai continuou a investir. Depois foi uma desgraça após outra: incêndios nos armazéns, mais navios perdidos, os malditos turcos que bloquearam a rota terrestre para a Pérsia. Mas os mercadores tinham todos o mesmo sonho.

— De uma passagem a nordeste?

— Que mais haveria de ser? Imagina, uma estrada secreta para o Oriente! Mas há alguns anos, os directores decidiram pôr fim à sua dívida e voltar a emitir acções da companhia, deixando os accionistas originais sem possibilidade de recuperar o dinheiro. O meu pai levou o assunto a tribunal, mas o procurador geral era ele próprio um homem

da Muscovy, por isso... — bateu com o punho na mesa. — Depois acusaram-no de desfalque.

— Canalhas!

— Não há buraco no inferno que seja suficientemente fundo para eles. Ainda bem que pude sustentar a família nessa altura. Comecei a contrabandear Bíblias inglesas quando Maria a Sangrenta estava no trono. Os seus continuavam a queimá-las, por isso... — Fizwilliam abanou tristemente a cabeça. — Mesmo assim, o meu pobre pai nunca concordou com o meu negócio. Sempre quis seguir a lei. Ficou desesperado quando o consideraram um aldrabão. No dia em que morreu estava tão triste como o alaúde de Orfeu.

Fez-se silêncio por uns instantes. Depois Marlowe perguntou:

— E os rumores de que os mercadores da Muscovy, ou outras pessoas, contrabandeiavam produtos vindos do Oriente?

— Nada de importante. Mas se esses patifes fazem entrar cá alguma coisa sem me dar parte dos lucros...

— Quando é que os navios da Muscovy saem outra vez de Depford?

— No fim do mês partem alguns para a Rússia.

— Se conseguisses inspeccioná-los para ver se há alguma coisa suspeita... talvez armas...

— Com todo o prazer. Olha Kit. Não sei se isto vai ajudar, mas ontem passou pela alfândega um jovem marinheiro da Muscovy. Saltou de um dos navios que acabava de chegar de Ruão. *Disse* que vinha a terra para visitar a família...

— Ruão?

— A companhia troca tecido inglês por papel em França, depois, envia o papel para a Rússia.

— Lembras-te do nome dele? Da aparência?

— Lee Anderson. Destaca-se bastante. Tem rosto de anjo e parece jovem demais para ser marinheiro. Cabelo curto e louro, bigode fino, gibão de couro, preto... calças pretas, parece-me... não... cor de tabaco, e ... pequenas argolas de ouro nas orelhas.

“Não vi nada de ilícito no aspecto dele — prosseguiu Fitzwilliam — mas havia qualquer coisa naquele marinheiro que não me pareceu certo. Não que estivesse inquieto... de facto era exactamente esse o problema. Parecia calmo demais.

— E então?

— Tinha meia dúzia de moedas de ouro. Deixei-o entrar... limitei-me a ter a certeza de que não se afastaria muito. — A expressão calma de Fitzwilliam transformou-se num sorriso ávido. — Confisquei-lhe os

papéis, sabes. Sim senhor. Aquele rapazinho está aqui preso como numa ratoeira.

Pouco depois, Marlowe voltou a atravessar o relvado até Deptford Strand, a zona em frente ao rio onde estavam localizados muitos armazéns, estaleiros e docas. Tratava-se de um fulcro de exploração, comércio, pirataria e guerra. Do outro lado do rio ficava o ponto mais baixo do sub mundo isabelino, a lamacenta Ilha dos Cães, um terreno de floresta pantanosa onde os criminosos se escondiam na sombra e os esgotos de Londres lambiam as suas margens. A ilha traiçoeira fazia um forte contraste como luxo real do Palácio de Greenwich que cintilava à direita de Marlowe, a menos de uma milha a jusante.

Perto da base da doca comercial ficou a observar os marinheiros de boinas com borlas que descarregavam rolos de tecido brilhante — cetim, veludo e renda de ouro e prata — e se dirigiam para dentro dos armazéns. Outros passavam na direcção oposta, erguendo caixotes do que parecia ser lã ou carvão.

Depois houve um movimento brusco. Dois jovens marinheiros chocaram um com o outro. A cena foi ignorada por todos os que estavam na vizinhança, mas era exactamente o que Marlowe esperava. Aproximou-se, embora se mantivesse a uns passos de distância e aclarou ruidosamente a garganta.

Eles detiveram-se espantados.

— Rapazes, tenho uma proposta a fazer-vos.

Olharam-no desconfiados.

— Aposto que estão a discutir por causa de dinheiro e dar-vos-ei a quantia que desejam se me concederem uns minutos do vosso tempo.

Eles semicerraram os olhos desconfiados.

— Vão trocar dez, talvez vinte palavras com um homem no cimo da rua e depois seguem o vosso caminho.

— Verdade?

— Estamos de acordo?

Eles acenaram afirmativamente.

— Digam-me então: já ouviram falar do *Madre de Dios*?

Eles abanaram a cabeça.

— Há um ano, os corsários ingleses capturaram um galeão português, o *Madre de Dios* que regressava das Índias Ocidentais. Vinha carregado de riquezas que, segundo se dizia, valiam trezentas mil libras. Quando o navio aportou, todos os que tinham tido conhecimento do assunto dirigiram-se ao porto de Dartmouth para roubar o que podiam. As ruas encheram-se de nuvens de pimenta, cravinho, noz-moscada e

canela de Java que perfumaram o cabelo das pessoas durante semanas. E isso, meus amigos, deu-me uma ideia.

Trinta minutos mais tarde e depois de uma dezena de ensaios, os dois marinheiros anteriormente beligerantes correram em direcção ao armazém da Companhia Muscovy e bateram à porta com toda a força.

Não houve resposta.

Bateram mais uma vez. Apareceu um homem forte com cara de poucos amigos.

Um guarda que estava a dormir, disse Marlowe para consigo. Perfeito... parece ser o único que está lá dentro. Marlowe estava escondido, incentivando silenciosamente os seus improvisados actores.

— Amigo, tens por aí um saco a mais, uma caixa vazia, ou...

— Ponham-se a andar se não querem um pontapé no traseiro! Desapareçam! — berrou o guarda.

Marlowe mordeu o lábio quando o guarda começou a fechar a porta. *Força, rapazes, aquentem.*

Um dos marinheiros agarrou a porta e manteve-a aberta.

— Não ouviste? Jesus, meia milha a jusante... é como o segundo *Madre de Dios!* Guardado apenas por dois homens. Se não nos apressarmos todas as riquezas desaparecerão!

Os olhos do guarda brilharam, mas mesmo assim não se mexeu.

Era a deixa de Marlowe. Apareceu a correr usando um pequeno disfarce — uns salpicos de pimenta no cabelo.

— Arranjaram as caixas? — perguntou apressado.

Os marinheiros pareciam aflitos.

— Senhor, estávamos...

Naquele momento o guarda torceu o nariz. Espirrou e fez uma careta. Abrindo a porta de repente, correu lá para dentro.

— Estamos aflitos com o armazenamento, mas...

Respirando pesadamente o guarda apareceu momentos depois. Com um sorriso cínico fechou a porta e desatou a correr com um saco de lona, deixando Marlowe e os marinheiros a debaterem-se com duas pesadas caixas de madeira.

Ou pelo menos foi o que pensou. A ideia de Marlowe era outra.

Enquanto os marinheiros partiam com as suas moedas, ele abriu a porta do armazém com um par de gazuas de madeira. O idiota do guarda levaria pelo menos vinte minutos a regressar. Dirigiu-se ao pequeno gabinete, ajoelhou-se diante de uma estante e folheou algumas dezenas de livros da companhia. Nada.

Procurou nas gavetas da secretária e encontrou sete rolos de pergaminho, todos eles selados. Depois de acender a única vela que existia

no escritório, retirou um fio de arame do bolso, chegou-o à chama, levou-o à beira de cada um dos selos e atravessou-os com ele.

Maldição. Eram cartas meladas de alguém, provavelmente do guarda, para uma mulher chamada Moll. Usando de novo a chama da vela, aqueceu ambos os lados de cada um dos selos e colou-os outra vez. Não valia a pena deixar rasto.

Por entre as prateleiras do armazém, Marlowe sentiu o cheiro da maioria dos artigos a enviar para a Rússia — tecido de lã, vinho e passas — enquanto conseguia ver os outros. Grânulos de sal e de açúcar cobriam o chão e havia algumas folhas de papel francês amontoadas aos cantos. Recordando-se de que Fitz Fat lhe tinha dito que um navio da Muscovy contendo papel tinha recentemente chegado a Deptford, começou a abrir as caixas. Cada uma delas continha duas resmas de papel macio e brilhante, colocadas lado a lado. Para Marlowe era uma visão de fazer crescer água na boca. A qualidade era diferente daquela que alguma vez utilizara.

Tratava-se de metade da sua tarefa, mas tinha ainda de encontrar mais qualquer coisa rara. Talvez mais uma. De novo apenas papel. Decidido a que a manhã valesse a pena, retirou uma mão de papel e depois olhou surpreso para aquilo que ficara a descoberto. Um buraco rectangular com cerca de sete polegadas de profundidade e o comprimento e a largura equivalentes a dois pés de um homem, tinha sido cortado na resma. Estava vazio, mas... *tinha as dimensões suficientes.*

Saindo do armazém, Marlowe dirigiu-se aos estábulos ali próximos e alugou um cavalo. Iria a Scadbury House, a propriedade do seu melhor amigo que ficava a dez milhas de distância na exuberante paisagem do Kent.

WESTMINSTER, INGLATERRA — AO FIM DA MANHÃ

Em redor de uma mesa num aposento abafado e sem janelas, adjacente ao Star Chamber, cinco homens frustrados estavam sentados a ler a mais recente ameaça contra a imigração. Era a sexta que viam naquele mês e de longe a mais maliciosa. O Conselho privado tinha-os designado para desempenharem a tarefa de apreenderem os autores desconhecidos. Rapidamente.

— Todos os comerciantes e aprendizes na cidade são suspeitos — resmungou um dos membros da comissão. — Todos eles desprezam os estrangeiros.

— Digo que ofereçamos uma recompensa pela informação. Cem coroas — sugeriu outro.

Os companheiros acenaram afirmativamente.

— Talvez fosse sensato experimentarmos a ligação de Marlowe — propôs um terceiro. — Revistarmos os seus aposentos, os dos seus associados...

Outro concordou.

— Devíamos enviar guardas para que o trouxessem e poderíamos interrogá-lo imediatamente.

Nesse momento, um jovem mensageiro entrou com um documento de aspecto oficial. Entregou-o ao presidente da comissão.

— Cavalheiros — disse o homem, erguendo os olhos. — Vai ser mais fácil do que pensávamos. Se algum suspeito se recusar a partilhar connosco aquilo que sabe, o Conselho Privado garante-nos carta branca para o fazermos mudar de ideias, usando os meios que acharmos adequados.